

ADVERTENSIA.

TEndo achado, que estes erros sam mais frequentes nesta edifam; por isto dou uma regra geral, para se-emendarem.

Achando-se

engano, dezengano, enganar, dezen-ganar

comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes, que se-formam destes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.

entrar, encontrar, emportar, enfor-mar, engenhar, engenho: e vozes, e nomes que destes nacein.

O acento que se acha nos monosilabos já, lê, vê, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dê, dá, das más só por ver-bo &c. para os distinguir das particulas e vozes semelhantes. Como tam-bem em pé, pés, e outra rarissima.

Leia-se

ingano, dezingano, inganar, dezin-ganar.

compremir, ímpremir, opremir &c.

intrar, incontrar, importar, infor-mar, ingenhar &c.

REFLEXOENS A POLOGETICAS A OBR A INTITULADA VERDADEIRO METODO DE ESTUDAR

DIRIGIDA A PERSUADIR HUM NOVO

metodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias, e refutar o que neste Reino se pratica;

EXPENDIDAS PARA DESAGGRAVO

dos Portuguezes em huma Carta, que em resposta de
outra escreveo da Cidade de Lisboa para a de

Coimbra

O P. FREY ARSENIO DA PIEDADE;

Religioso da Provincia dos Capuchos; *Beato do
santo da
s. joze do traupo*

E offerecidas

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ JOSEPH

ANSBERTO DE NORONHA

Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. Ma-
gestade, &c.

Por NICULAO FRANCEZ SIOM.



V A L E N S A

NA OFFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANNO MDCCXLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESSARIAS, &c.



ILLUSTRISSIMO, E EXCELENTISSIMO SENHOR.



E costume inviolavelmente praticado implorar a generosa protecção dos Sabios, e dos Grandes para beneficio das obras, que sahem ao publico. E havendo de apparecer agora na Republica literaria a presente Obra, justo era que recorresse unicamente á benigna protecção de V. Excellencia, porque só nella poderia eu encontrar o desejado favor, e amparo. Apareceo nesta Corte huma Obra dividida em varias Cartas, com o titulo, Verdadeiro Methodo de estudar, intentando seu Author debaixo de hum zelo tão fingido, como o nome, persuadir aos Portuguezes hum novo modo para aprender, e ensinar as Sciencias, que ordinariamente se praticaõ, e refutar o que atégora por tantos Mestres insignes, e que chegarão a ser grandes entre os mayores, se tem praticado neste Reino. Mas como não ha obra fóra das mãos de Deos, que seja tão perfeita, que não padeça alguns defeitos, pelos quaes esteja sujeita á rigorosa severidade da Critica moderna, e como se os argumentos, de que o Author se vale, não sejam fundados em razoens tão solidas, e evidentes, que se não possa facilmente descobri-lhes a resposta; houve entre os Sabios da nossa Corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quiz desaggravar o credito da Nação ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez como monstro em si alimentou, mostrando com subtilissimas Reflexoens os muitos erros, e alguns

perniciosos, que pretendia simuladamente introduzir: podendo-se applicar ao Author do novo Methodo a Copla, que fez huma Musa picante, vendo o máo caracter de letra, que formava certo Paroco, com quem por particulares razões se não corria bem.

He cousa de admirar
E muy difficil de erer,
Que quem não sabe escrever
Diga nos quer ensinar.

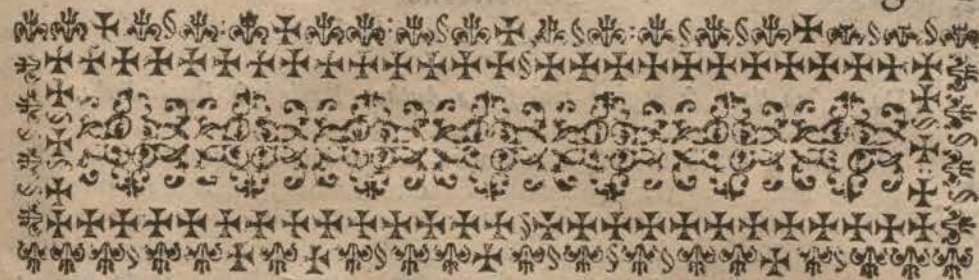
Sendo pois as presentes Reflexões huma obra, que para a sua estimação, e censura requer hum talento perfeitamente versado em todas as Sciencias, he certo que só na grande comprehensão, grande talento, e vasta erudição de V. Excellencia podia achar ou merecer a devida estimação, e censura. Desta verdade podem ser irrefragaveis testemunhas não só todos aquelles Sabios, que já venerão a V. Excellencia como Sabio, e como Oraculo; confessando ao mesmo tempo, que em V. Excellencia se verifica o conceito, que para semelhante expressão disse o Poeta de começar pelo fim, em que os outros gloriosamente acabão; mas tambem todas as eruditas fadigas, com que V. Excellencia continuamente enriquece, o ânima o Corpo da Real Academia, aonde resplandece com tão intensas luzes de sabedoria, que o constituem superior a todos os Astros, que compoem aquelle erudito, e sublime Firmamento.

O generoso, e coroado sangue, que V. Excellencia nas vês recebeo de tantos, e tão illustres Ascendentes, tambem era hum principio infallivel para eu buscar a protecção de V. Excellencia; mas como a grande modestia de V. Excellencia me impede mostrar eu o fundamento desta certeza, deixo de referir o que todos sabem; pois o illustre esplendor de V. Excellencia não necessita de se ajudar com hum tão pequeno brado.

Conte pois V. Excellencia tão larga duração na chronologia dos annos, como ha de contar na da Fama, que occupada toda no Elogio de V. Excellencia publica pelo mundo literario, que na sua grande Pessoa tem os Estudiosos hum sabio Mecenas, e a Patria hum poderoso Defensor. A Excellentissima pessoa de V. Excellencia guarde Deos como desejo &c.

Criado de V. Excellencia.

Niculaõ Francez Siom.



CARTA,

QUE EM REPOSTA DE OUTRA ESCREVEO
o Padre Fr. Arsenio da Piedade Religioso Capucho,
morador em Lisboa, a outro Religioso da mesma
Provincia, assistente em Coimbra.

MEu Irmaõ charissimo. Li a vossa Carta com aquella alegria, que me costumaõ caular as novas da boa saude, que lograis, e que desejo gozeis por muitos annos, e igualmente estimo conserveis para comigo a amizade, que ha muito tempo cultivamos. Sinto vos caulasse tanto cuidado o titulo do livro, em que me fallais, por ler no seu frontispicio ser seu Author hum noso Irmaõ da virtuosa Reforma dos Reverendos Barbadiinhos de Italia. Motivo grande tinha a vossa dor, se o titulo fosse verdadeiro; pois como tão zeloso do credito da nossa Religião, vos lassais, que vestisse o habito de nosso S. P. quem se atrevesse a dar a publico obra semelhante, que seria para nós de grande descredito. Para aliviar o vosso cuidado me pedis, saiba se he verdadeiro o titulo. A' volta desta pergunta vos entrou a curiosidade de querer saber o juizo, que formo desta inculcada reforma geral dos estudos. Se vos contentasseis com huma resposta breve, em duas palavras satisfaria a ambas as perguntas. A' primeira diria, que o titulo do livro he mentiroso. A' segunda responderia, que o que se promete no titulo da obra, he *titulus sine re*, e se lhe pode applicar o que de outro grande titulo disse Horacio: *Parturient montes, nascetur ridiculus mus*. Isto bastaria para satisfazer á vossa petição; mas como vos conheço o genio, e desejo darvos gosto, respondo por partes.

A

RE

Do mesmo livro se mostra não ser o Author Religioso Barbadinho.

Com muita razão se diz, e o mostra a experiencia, que até para mentir he necessario ter habilidade. Se este homem reparasse, que manifestando as suas Cartas noticias modernas, e não havendo ahi memoria de Doutor Barbadinho Italiano, poderia fingir coisa mais verosimil; e isso sabeis vós, que assistis ha muitos annos nella Universidade, onde não encontrarieis com tal curioso, salvo fosse algum Sebastião eucuberto vindo da Ilha Antilia, e ahi, como outro Encas, anda dentro de alguma nuvem observando sem ser observado, *Et nube cava speculatur amictus*. Mas se na ficção só houvesse esta simples mentira, eu lhe perdoara a venialidade. O peyor he, que para tecer huma latria descomedida, fingisse ter sahido dos Claustros observantissimos de tão estimavel Reforma. Desta sorte faz injuria á nossa Religião Serafica, e a todos os sujeitos, a quem ofensadamente latria; porque a maldade do livro redundo em descredito do seu Author. E talvez andará muito satisfeito do que fez, por não reparar nos inconvenientes, que da suas ficção se seguem; mas quando a paixão he predominante, cega a razão, e causa semelhantes desconcertos.

Tende pois a consolação, que não nos pertence quem escreveo as Cartas, nem queremos tanta soberba nos nossos Conventos, em que se professa humildade. Elle bem se dá a conhecer, e já muitos o vão descobrindo, porque as Cartas são retratos, que representaõ o seu original; e assim como pela falla conheceraõ por Galileo a S. Pedro os que estavaõ em casa do Principe dos Sacerdotes: *Nam et loquela tua manifestum te facit*; assim pelo estylo desta util obra se reconhece o Galileo, ou Galileos, que a ordenaraõ. E quem se havia de persuadir, que entre os filhos do numerosa familia Serafica houvesse hum, que se atrevesse a dizer mal de Escoto? O Doutor Suzil he venerado em todo o Orbe literario, e teguido por huma Religião tão dilatada como o mundo. He hum Author, a quem nunca a Igreja Catholica achou proposição, que notar, nem sentença, que excluir. Houveraõ sim muitos Pontifices, que louvaraõ a sua doutrina, muitos Sabios, que a admiraraõ, e muitos, que a seguirãõ. Hoy tal o applauso, que adquirio, que nas melhores Universidades se hultituaõ cadeiras publicas para o explicarem.

Cauza não pouca admiração ver a audacia, com que contra hum gigante da sabedoria se atreve hum pigmeo, sem mais autoridade que a sua vaidade; e sem mais fundamento que o da sua idéa, queira lancar fora das aulas das Universidades a tão grande homem. La sahê com quatro livrinhos Francezes, talvez em doze, para caberem no bolso; e mande Deos não sejaõ alguns nascidos em Hollanda, ou Inglaterra, feitos criticos da moda; sendo

sendo que em materias Theologicas meridos todos em huma imprensa lançado tanto succo como hum limão seco. Humas vezes causa riso o que diz, e outras me compadeço, porque em fim he nosso proximo.

A volta do desprezo de Escoto tambem trata com o mesmo a Soares Granatense, Vauques, e outros desta grandeza. A Sciencia media, o decreto predeterminante, ou concomitante são para elle sonho. Seja Deos louvado! Bem podera fazemos graça de explicar, como se concilia a predestinação do homem com a sua liberdade; a efficacia com que Deos move a nossa vontade sem a necessitar; a impeccabilidade de Christo com a liberdade com que morreo por nós, tendo para isso preceito do Eterno Pay. Explique estas, e semelhantes questões, sem se valer de alguma destas, ou semelhantes doutrinas especulativas, que com tanta arrogancia despreza.

E que direi da fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz? Este Santo Doutor he o mesmo, a quem a Cabeça da Igreja, e os melho- res Sabios reconheceraõ por Anjo das escolas. Pois até a innocencia lhe quiz este presumido Critico tirar, porque disse hum *quidam homo*, que vale tanto como individuo vago, que o Santo peccara em suppor idéas de Aristoteles. Muita dissimulação tem o Mordomo do Hospital, e bem podia por charidade darlhe lá huma casinha. He possível, que os louvores, que tantos Summos Pontifices tem dado a este Santo Doutor, haõ de valer menos, que hum par de criticas à moda impressas talvez para ganhar dinheiro, e que o seu estylo he contradizer tudo o que podem, e não podem! Sempre tenho suspeita, que os taes modernos não sejaõ firmes na Fé, porque os vejo concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores escolasticos, e como não podem com razoens desfazer a doutrina, procuraõ desfazer nos Authores; e com estas novidades se introduzem na estimação de quatro ignorantes, que attrahidos com as promessas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficaraõ grandes letrados, peccado em que cahe este nosso amo, os começaõ a louvar, e pôr no Setceftrello, sendo muito inferior o lugar, que merecem.

He tambem boa prova de que este pobre homem nada tem de Religioso, reparando na sua Carta 15. fol. 201. onde diz, que devem os Papas diminuir os privilegios concedidos ás Religioens. Vede que bom filho de S. Francisco! Funda-se em huma razão falsa, e logo se contradiz. A falsidade he dizer, que já cessaraõ os motivos, porque se concederaõ. He boa ignorancia! Os motivos foraõ os serviços, que fizeraõ á Igreja, e supponhamos, que não tiverãõ outros. Se estes motivos foraõ verdadeiros como haviaõ de cessar? Deixando o preterito de ser preterito? Igualmente se contradiz; porque dizendo lhe foraõ concedidos, a poucos passos diz, que os Regulares os usurpaõ. Acharia em algum dos escaninhos da sua erudição, que usurpa, quem aceita o que lhe daõ?

Finalmente bem mostra não ser Religioso Barbadinho, salvo se tem

barbas postizas, como as do terço do General Carracena para meterem grande medo aos Soldados Portuguezes. He, digo, indício certo de não vestir o habito da Ordem Seráfica o mal que diz da Religião da Companhia de Jesus, em toda esta solemne Obra, e muito em particular na Dedicatória. E assim como nas Cartas quiz introduzir hum novo methodo de estudar, na Dedicatória apparece com hum estranho modo de elogiar tirando da sua celebre Rhetorica, que diz está para se imprimir, a figura da Invenção tão galantemente adornada, como huma velha de cem annos com polvilhos na cabeça, e sinas na cara.

Começa a louvar esta estimada Religião, a quem confessa a educação, e ensino, e sendo os louvores diminutos para os seus merecimentos, logo se enfada de fallar, ou fingir, que falla verdade, e com muita graciinha, e sem ceremonias se desfiz, desfazendo-se em vituperios. Criaí o corvo tirarvosha o olho! Eu não pertendo defender esta sagrada familia, porque não necessita de tão fraco defensor, como eu. Se a não impedisse a modestia, facil lhe seria descobrir este mascarado, e pôr em publico donde vem a sua erudição de Quænel, e Talmud, que pertende introduzir neste seu novo Methodo.

Estes Reverendos Padres, correndo a fortuna de seu Santo Patriarca sempre foraõ perseguidos de hereges, e invejosos; daquelles porque descobrem os seus erros, destes porque lhe assombrão as luzes furtadas, com que pretendem resplandecer. Tenha a certeza esta sagrada Religião, que sendo, como disse o Oraculo do Vaticano, o braço direito da Igreja de Deos, não deve temer, nem aos melmos Alexandres vencedores na Asia, nem a Sertorios, e Viriatos entre nós celebrados na valentia. Digaõ os satyricos o que quizerem, que as suas idéas nada significão; as suas settas não chegaõ ao Sol, e as suas palavras, são badeladas em fino de cortiça, que não tem som, nem tom.

O mesmo digo dos mais sujeitos da primeira esfera tanto na nobreza, como na erudição, e sciencia, que arrojadamente se nomeaõ, e descortezmente se criticaõ nestas tão ridiculas Cartas, que confesso a Vossa Charidade me emvergonho de as ter lido; mas já que as li, hey de dizer, o que julgo dellas, por vos dar gosto. Antes de acabar esta Reflexão, quizera advertir a este satrapa do outro mundo, que as Dedicatorias não tem parentesco com os Prologos, e se devem separar no principio do livro. O Prologo he para todos os leitores, dando-lhe razão da obra, do estylo, e divisão della, e talvez reconhecendo a sua insufficiencia (se a cazo tem humildade) e sujeitando-se á correção dos que melhor o entendem. A Dedicatória deve ser toda dirigida ao Patrono, declarando a causa que o moveo para lhe offerecer o livro. Ajuntar estas duas cousas em huma, he detordem contra a boa Rhetorica, em que este selecto Critico se nos inculca singularmente instruido: *mas non quodcumque minabitur Eurus, hoc faciet.*

R. E.

Julgo, que se deve formar do Author, e da sua obra em geral.

HE a soberba vicio fecundo, da qual nasce a presumpção, vaidade, e desprezo. Tudo se vê no Author, que fingindo-se elevado á mayor esfera, entende que os mais homens presentes, e passados lhe ficaõ a perder de vista, e muito inferiores. He o que experimentaõ os que querem servir-se de hum oculo de ver ao longe, e uzaõ delle ás avessas, que todos os objectos se lhes representaõ pequeninos, e ainda que estejaõ perto, lhes parecem muito distantes. Cheya pois a cabeça do soberbo com huma espessa nuvem de fumaças, feito outro Narciso, entra a contemplar os grandes talentos, com que cuida o tem adornado a divina Providencia, cheyo de valdade parecelhe, que as palavras, que protete, são sentenças de Seneca; as idéas, que lhe occorrem são a quinta essencia de Platon; as suas resoluções são Canones do Tridentino; as suas praticas com os amigos são bocados de ouro, que lhe sahem da boca, e as vezes lastimosamente perdidos, por não encontrar quem os aproveite; se disse huma graça, soy com tanto sal, que excede as marinhas de Setuval, se escreveu huma Carta, elle só ganha todas as de Cicero no estylo epistolar, como se fosse o zápete no jogo do truque, ou espadilha na arenegada, se o vesinho, ou adherente o vay consultar para saber como se ha de desembaraçar de hum negocio embaraçado, o conselho, que lhe dá, encerra tanta prudencia, que a não leva hum carro; se esearra, ninguem o faz com mais limpeza; se se meneya, não ha mais gravidade; e se se poem á sizuda, não ha Cataõ, que lhe chegue.

Daqui lhe nasce hum geral desprezo de tudo o que não he seu, ou dos seus. Os conceitos alheios, se não se accommodaraõ com os seus, são partos informes de hum entendimento offuscado; e se ouve fallar em opiniaõ oposta á sua, he delirio. Se a pessoa, que lhe falla, he de mayor respeito, e não pôde contradizello, lá o faz para com os seus botoens, e diz entre si: Ah pobre homem, que não sabes o que dizes, nem entendes, o que me ouves; compadeçome da tua ignorancia! Outras vezes, se não aceitaõ as tuas razões, logo assenta comigo, que o tal sujeito não he capaz de fallar com quem entende as cousas, e que se ouve os seus discursos, he por se divertir hum pouco, e aliviar o grande pezo de negocios, em que anda metido. A muitos com huma pergunta confudio de modo, que lhe não souberaõ responder; e encontrou Mestre de Latim, aquem perguntando, como se entendia aquelle verso de Vingilio: *At Regina gravi jam dudum saucia cura*: ficou confuso, sem saber que dizer. Finalmente para instrução da mocidade Portugueza sabe de hum amigo (e será elle, que por humildade se não declara) que tem huma Rhetorica, huma Fyfica, e outras obras, com que paímará o mundo.

Aqui

A qui tem vossa Charidade este retrato tirado das mesmas Cartas do Author, que veyo a este mundo para fortuna nossa, credito da nação, affombro, e inveja dos estrangeiros; lá lho accommode, que he vera effigies. Passô agora ao conceito, que fórho da sua obra. Para me explicar, he preciso fazer huma digressão. Os hereges modernos, como Luthero, e Calvino para de algum modo capearem os seus erros, quizerão persuadir aos ignorantes, que a Igreja Catholica Romana tinha cahido em varios erros, e abulos; os quaes elles pertendião emendar, notando de caminho, que os Papas tinhaõ usurpado mais ampla jurisdicão da que lhes fora concedida por Christo: e por lhe ser preciso afinar algum tempo, em que a Igreja estivesse sem erros, e abulos, para nesta supposiçã cair melhora sua ionhada refôrma, se fingiraõ devotos dos Santos Padres dos primeiros seculos, como Santo Ambrosio, Agostinho, Jeronymo, Gregorio, &c. O mesmo intento levou Jansenio, protestando, que as suas cinco famosas proposiçoens eraõ expressamente tiradas de Santo Agostinho, aquem seguirão outros, e finalmente Quelnel com cento, e huma proposiçã, todas filhas daquellas cinco.

Lançando este primeiro fundamento, e vendo, que os Santos, e Authores mais modernos tinhaõ reduzido as materias Theologicas a boa fórma, separando para cada huma o que lhe pertencia, a que deu grande luz Santo Thomaz; advertindo tambem, que nas taes obras se achavaõ firmadas as resoluçoens oppostas ás suas heresias, tomaraõ o cuidado de fazer criticas contra todos estes Authores, accusando-os de não seguirem aos primeiros Santos Padres, mas se desviaõ delles, e que as suas obras se deviaõ desprezar, como cheyas de questoes impertinentes, e ignorancias. O primeiro tiro foy contra Santo Thomaz por hum discipulo de Luthero, e logo contra os mais celebres Doutores; e destas criticas sahiraõ innumeraveis compostas com muita elegancia, e ordenadas com grande erudiçã principalmente de historia sagrada, e profana.

Tambem appareceraõ varias feitas por lisonja, e conveniencia propria, como a de Fr. Paulo Sarpo em Veneza, deprimindo, a authoridade Pontificia, e affirmando, que não podia censurar, nem privar de seus dominios aos Principes, e Republicas soberanas, ponto em que lisongeava a de Veneza, entãõ desobediente ao Summo Pontifice, livro, que muito agradou em Hollanda, onde logo se verteo em Francez. Sahio á luz outro, fingindo-se grande devoto de S. Paulo, querendo igualallo na authoridade a S. Pedro, para com toda a sua devoçã diminuir a authoridade de seus Successores; e logo outro, querendo fundar a authoridade da Igreja igualmente em hum, e outro Santo, e ambos condemnados por Innocencio X. e desta casta tantos, que podiaõ fazer grandes fogueiras. Agradou o estylo critico a muitos, ainda que Catholicos, e sem advertirem no veneno, huns dando ao prelo, por mostrarem engenho, outros por serem inclinados a novidades, e tam-

bem

hem alguns criticando os mais, para mostrarem, que sabião mais que elles. Batê o nosso Critico julga ser acertado ler as obras dos hereges, para delles se aprender o methodo, como se entre as flores se não escondessem os aspides, e nas rozas se não encontrassem espinhos.

Reina esta moda muito em Inglaterra, França, e Flandres. E posto que muitos destes sejaõ Catholicos, he necessaria grande advertencia para os separar dos que são suspeitos na Fé, ainda que ordinariamente se achãõ em Francez, porque nesta lingua sabem de outras partes; e ainda que sejaõ nascidos em França, bem sabido he, que lá não faltaõ Jansenistas. Continuando esta grande moda, depois de se defendadarem contra a Theologia, passaraõ as criticas contra as mais sciencias. Sahiraõ contra a Philosophia huns Carthesianos, outros meyos Carthesianos, fizeraõ os animaes viventes automatos, e como machinas artificiaes insensiveis, e em recompensa o nosso Critico os faz discursivos; desterraraõ os accidentes, extinguiãõ as cores, fazendo os objectos visiveis por força de luzes furtadas; tiraraõ a definicãõ ao homem duvidando, como faz este nosso Critico, que se define; *Animal racional*. O globo da terra, que até agora tinhamos por redondo, appareceo ovado, e em continuo movimento na nova idéa de Copernico, ficando o Sol parado, sem ser a roga de Joliné; ao ar deraõ-lhe hum grande pezo; e á pobre da alma racional lá a prenderaõ na cabeça, sem consentirem, que visitasse as mais partes do corpo humano.

Todos estes livros tiverãõ grande applauso entre muitos principalmente moços, e isto por tres razoes. Primeira, por serem livros de estrangeiros, cujas modas tem grande sahida entre nós, ainda que com ellas, nos levem todo o ouro das Minas, depois de nos terem despojado da prata. A segunda, porque não tendo animo para se cantarem no estudo das materias *exproffessõ*, e vendo que as sciencias são muito mais largas, que a vida, delejando por outra parte abatear todas, applicaõ-se com muito gosto a estes livrinhos, e em lhe dando hum par de voltas, entraõ a fallar em toda a casta de Theologia, e Direito, Philosophia, Mathematica, Rhetorica, Humanidades; e outras cousas mais, com tanta satisfacão propria, que não se lhe pôde tirar da cabeça, que estaõ consumados em toda a literatura.

A tereceira pelo que respeita á Pyffica, porque com muitas habilidades fizeraõ instrumentos realmente agradaveis pelo seu artificio: com hum persuadem, que tiraõ o ar da garrafa, por cuja falta a mosca, que está dentro, fica amortecida; e logo dando liberdade ao ar, para que torne para sua casa, se levanta a mosca como resuscitada. Porque a bomba não tira agoa se não em certa altura, entraõ a demonstrar, que não sobe mais, porque o ar não tem mais pezo; e se algum quer contradizer a sua idéa, e diz que o ar faz huma abobeda, com que cerca este globo da terra, e por isso não entrega em parte nenhuma da terra, e por conseguinte não he essa a causa, porque a agua sobe na bomba, Deos nos acuda, que o curioso he diota,

e

e não sabe o que diz. Para mostrarem, que os animaes são puras machinas, fizeram huma ave de metal, que se movia, como fazem os relogios, com o bico apanhava o milho posto em determinado lugar, e descendo ao bojo, dava em hum moinho, que o partia, e logo, como se o digerisse, lhe sahia pelo rabo. Vedes pois, diziaõ, que se a arte humana faz huma tão galante machina, quanto melhor a fará Deos? A vista deste, e semelhantes artefactos, palmas os aprendizes, e daõ a cousa por provada; e corra a paga ao Mestre tão bem merecida, como a que se dá por ver por hum buraco a perspectiva de Versalhes. Tudo lhe faça bom proveito no corpo, e alma, que he frase de que usa o nosso Critico mór.

Esta digressão com pouco trabalho mostra o juizo, que se deve formar de toda a obra, a qual impugnando tudo, nada conclue, que he sentença do senhor Author na Carta 6. fol. 157. Reparastes já na obra de hum alfayate? Consiste v.g. para sabir huma casaca, em dar tisouradas na pezza de panno, repartir em partes o forro, e o mais necessario para a obra; entra logo o senhor Mestre, e algum official a cozer aquelles retalhos, e apparece huma casaca á moda, e toda França. E qual he o artificio da obra em cortes pelo alheyo, e cozer os pannos cortados. Aquí tendes a idéa da obra. Corta-se pelas sciencias sem alma, e o que nelles ha de agudeza, chama-se rapaziada: de sorte que o discurso de hum bom entendimento, combinando humas razoens com outras para especular alguma resolução, he futilidade: porém lidar com a fisinga, bomba, fogo para quebrar as pedras, garrafas de que se tira o ar, boromatros, termomatros para ver subir o espirito do vinho, e o azogue, reparar nas habilidades, que tem o caõ do cego, para daqui colher algumas noticias da Fyfica experimental, são diligencias muito graves! Seja por charidade.

Tambem a obra corta pelos Authores de melhor nota, e estimação; e não se busca o bom, ou o melhor delles, mas se appareceo alguma cousa má, ou menos ajustada, lá vay a tisourada. Só a sagrada Escritura he optima, o de mais *nihil est ab omni parte beatum*. Os Authores, ainda que sejaõ os mais avultados na sciencia, por fim de contas são homens, e não há que espantar falem em alguma cousa; pois como disse Quintiliano: *Summi enim sunt, homines tamen*. Eu já por honra de N. P. S. Francisco lhe perdoõ de todo o coração estas tisouradas; mas vejo que quasi todos os côrtes entraõ pelo melhor dos Authores, e esses não lhõs posso perdoar, mas já me desdigo; se elle cuida, que corta bem, não há mais remedio, que encommendallo a Deos.

Depois de se cortar, entra-se a cozer a obra. Aquí he ella. O homem tem a vista cansada, como quem tem cosido de noite muito panno preto. Que remedio? Ajuntem-se officiaes para a obra: huns ou parentes, ou adherentes, cozaõ huma Critica, outros outra: daqui tirem so discurso, que já se fez sobre huma materia, dalli outra, que quem não tem muito cabe-

dal vira o vestido de dentro para fóra, ou ao menos de huma capa engenhua huns calçoens. Venha daqui o memorial, que se deu em tal tempo; venha de lá o arbitrio que deu fulano, e sicrano: o Author poem as linhas de casa, e temos obra. Mas a sciencia do mestre Alfayate he como a sua gaveta, onde se não acha pezza inteira, tudo são retalhinhos de bayeta, panno, seda, e de varias cores; da qual apenas se póde tirar com que se faça huma carapuça de saloya, ou barretinho para criança.

O modo de fallar he contra toda a Rhetorica, ainda que se nos inculca muito adiantado nella. Porque quem quer persuadir alguma cousa, procura ganhar a benevolencia do ouvinte, ou leitor; porém satyrisar toda huma nação, e os melhores sujeitos della, para os attrahir ao seu partido, he querer buscar hum circulo pela ponta. Vá hum Portuguez a Inglaterra tratar hum negocio importante, e que depende dos votos do seu Parlamento, e tome por preambulo dizer mal daquella nação, e experimentará o bom despacho, que traz.

Se o zelo da utilidade publica foy o motivo desta obra, eu lhe daria a materia mais util, e agradável para ambos os seus tomos. Mude a ultima palavra do titulo, e diga: *Verdadeiro methodo de trabalhar*. Deste he que temos grande necessidade. Sem sabir da nossa Corte, lhe darey grande campo, em que se dilatam os seus arbitrios. Repare nas lamas, que fazem impraticaveis as ruas, não obstante a grande despeza, que se faz em se varrerem. Se se lançaõ junto da Cidade, fazem monturos, e se no rio, dizem que entulhaõ a barra; e tudo isso nasce da falta de methodo. As calçadas custão muito dinheiro para se concertarem, e duraõ pouco os seus concertos; os carros abalaõ as cazas, e fazem-se tão pezados, que não faz pouco huma junta de bois para os mover, ainde estando vazios. Os agnadeiros com as suas cangalhas, e as saloyas com os seiroens mayores, que donaires, são prejudiciaes aos que andaõ a pé, ou a cavallo: as ruas humas são estreitas, outras tortas; e tudo isto carece de novo methodo. Tal vez não haja Corte, em que aconteçaõ tantos roubos, e mortes como na nossa. Ar-brite o meyo, com que se evitem.

Que diremos dos officiaes mechanicos? Que mentiras não prégaõ desculpando a tardança das suas obras; e o que mais he, cada anno accrescentaõ os preços, e dizem que lhe custaraõ muito a fazer, e que estaõ caros os materiaes; a verdade de tudo he a falta de methodo, tanto em trabalhar, como em comprar. Tambem as lavandeiras necessitaõ de algumas liçoens, porque destroem a roupa com a romper, e uzaõ de pedra em lugar de sabão. Discorrendo pois por estes, e semelhantes argumentos, não lhe faltará materia para o primeiro tomo.

Para o segundo trate de idéas mais nobres. As nossas searas apenas daõ seis por hum, produzindo mais em outros paizes, e tudo isto nasce de não haberem os lavradores o verdadeiro methodo de as cultivar. Subindo

mais alto; he grande desconfolação ver o estrago, que fazem alguns rios nos campos enchendo-os de arcia, que os faz esteris. A ponte de Coimbra dizem estar fundada sobre outra, e com tudo isto está entupida, que já os barcos não podem passar por baixo dos seus arcos. A barra do Porto he perigosa por apertada com os rochedos, que a cercaõ de baixo da agua; as de Vianna, Villa de Conde, Aveiro, Buarcos, e em parte esta de Lisboa padecem o infortunio de irem as areas prevalecendo conrra ellas. Boa occasiã para ensinar o verdadeiro methodo de acudir a estes damnos. Tambem seria grande gloria sua demonstrar a decantada quadratura do circulo; os pontos fixos para a navegaçã de Leste a Oeste, e o desejado moto perpetuo, para o que se tem proposto grandes premios, com que se animem os homens de grande talento; e quando não queira o premio, sempre ficará com a gloria, que para animos nobres vale mais. E com estes, e outros semelhantes methodos fará segundo tomo, que quanto os das suas Cartas não vallem a tinta, com que se escreverãõ.

R E F L E X A M III.

Proposiçoens, que se achãõ no livro, dignas de grave censura.

NÃO vos pareça, que esta Reflexãõ se ordena a mostrar, que o Critico mór he hereje, porque a isso me não persuado; he sim para confirmar o que já insinuy, que elle se aproveitou de muitas criticas, particularmente na lingua Franceza, nas quaes ás vezes se acha muita sizia misturada com o trigo; e como não he bem instruido na Theologia dogmatica, por mais que cuide o contrario, cahio nos erros, que aqui vos quero apontar; e tal vez, que cahiria em muitos outros, em que eu não repararia, tanto pela pressa, como pelo fastio, com que li as Cartas, que logo as lancei de mim enfadado de ler tanto disparate junto.

Apontei as seguintes proposiçoens. Primeira: *O peccado de nosso primeiro Pay nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano.* Assim se lê na primeira parte fol. 253; e logo diz a segunda no mesmo lugar: *Por isso nós peccamos, e peccando nos desviamos da verdade da ley divina, que he tão conforme á boa razãõ, porque não damos attençaõ á dita verdade.* A qui há falsidade, e *aliquid sapiens hæresim.* Na primeira se dá a entender, que nossos primeiros Pays antes do seu peccado não estavaõ sujeitos ao engano, porque como nesse tempo não tinhaõ peccado, tambem ainda não tinhaõ incorrido na pena: e com tudo isso, antes de estarem sujeitos ao engano, peccaraõ; segue-se logo, que he falsa a segunda proposiçaõ, em que se requer a inadvertencia para o peccado. Quanto mais, que antes de Eva peccar, a enganou a Serpente, como ella confessou claramente: *Serpens decipit me.* E Adãõ levado das palavras de Eva cahio no mesmo engano, e isto

isto antes de provar o pomo prohibido. E quem disse a sua Reverencia, que se Adãõ não peccara, seus filhos não cahiriaõ em algum engano não só fisico, mas moral? Fallando em geral dos mais homens nos termos da segunda proposiçaõ, supponhamos este cazo, que não he metafizico. Pedro se acha com opportuna occasiãõ de furto huma bolsa, e se ve tentado a fazer o furto por ser costumado a semelhantes destrezas; porém illustrando-o Deos com hum claro conhecimento daquella maldade prohibida pela *ley divina*, e natural *tão conforme á boa razãõ*, venceo a tentaçãõ, e não lançou mão da bolsa. Isto supposto, pergunto ao senhor Doutor: Pedro mereceo na victoria desta tentaçãõ, ou não? Parece que sim, e tambem deve conceder, que a resistencia foy livre. porque sem liberdade não há merecimento, como está deñido contra Jansenio na sua terceira proposiçaõ. Pois se Pedro resistio livremente á tentaçãõ, podia não querer resistir furtando a bolsa: logo teado o claro conhecimento da maldade do furto, podia peccar, não obstante o que diz na tal segunda proposiçaõ. E há muitos ladroens, que não são rusticos, e bem sabem, quando furtaõ, que obraõ contra o setimo mandamento, e contra hum dictame natural: *Quod tibi non vis, alteri ne facias*, e com tudo peccaõ.

Terceira proposiçaõ, 2. p. fol. 11. *O accidente da cor... que he o mesmo que dizer, que não he huma entidade distincta da substancia.* Tomada ao pé da letra, e applicada á Hostia consagrada pouco se ajusta com a condemnacãõ da segunda proposiçaõ de Wicel condemnada no Concilio Constantencie anno de 1418. na sessãõ oitava, da qual fallaremos na Reflexãõ decima. Por ora digo, que o contrario se lê nas liçoens approvadas pela Igreja no Officio divino deste Sacramento, que são de Santo Thomaz, e dizem assim: *Accidentia autem sine subjecto in eodem subsistant, dum invisibile sumitur sub aliena specie occultatum, & sensus á deceptione reddantur immunes, qui de accidentibus judicant sibi notis.* Se na Eucharistia não ficaõ accidentes, por serem o mesmo com a substancia do paõ, e vinho; devem dizer, que alli nem há cor, nem cheiro, nem sabor, mas huma mera apparencia de tudo isso; mas neste cazo, falso he dizer que *Sensus á deceptione reddantur immunes.*

Quarta, na 2. p. fol. 13. *A natureza humana de Christo unida á Pessoa do Verbo, não he pessoa humana, mas divina.* Vamos vendo o sentido, que pôde ter. Se quer dizer, que a natureza humana, a qual se unio á Pessoa do Verbo, mas tomada *se sola*, não he pessoa humana, porque nestes termos se considera *in abstracto*, e como *humanitas*, concedo se não há já de chamar pessoa humana, porque ainda se não toma *in concreto* com subsistencia; mas neste sentido he herefia, o que accrescenta dizendo ser *Pessoa divina*; pois he claro, que a humanidade he creada, e nem he, nem pôde ser pessoa divina. Se quer dizer, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo, só resulta pessoa divina, e não humana, porque julga que sem

subsistencia humana, não he Christo verdadeiro homem; profere huma blasfemia heretica, pois se acha na confissão da Fé escrita no Symbolo de S. Athanasio recebido pela Igreja Catholica ibi: *Homo est ex substantia Matris perfectus Deus, perfectus homo.*

Finalmente se confessa, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se não pôde dizer pessoa humana, porque para isso he necessario, que tenha subsistencia humana, diz huma grande falsidade; porque para huma pessoa se chamar humana, só se attende á natureza, seja ou não seja humana a sua subsistencia; tanto assim, que estas palavras *homem*, e *pessoa humana*, são synonymas. Nestes termos a sua proposição he temeraria, porque destituida de fundamento, e em materia tão grave opposta ao sentir dos Theologos. He escandalosa, porque *probat fidelibus occasionem errandi.* He male sonans, porque o seu sentido obvio he mais proprio para significar heresia, e *en verbis inordinatè prolatis incurritur hæresis.* E he erronea, porque se oppoem a huma conclusão Theologica, a saber: *Est homo: ergo est persona humana*, assim como pela mesma razão dizem os Theologos ser erronea esta. *Non est risibilis*, por ser opposta a esta: *Christus est homo: ergo est risibilis.*

Quinta, na mesma folha: *Quando a natureza criada se une a huma pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas acções.* Construida ao pé da letra he heretica, porque vem a dizer, que Christo em quanto homem não tem liberdade, a qual requer dominio para a acção ser livre. E como podia Christo ter actos meritorios sem liberdade? Queremos-ha o Senhor Doutor persuadir, que *ad merendum sufficit libertas à coactione?* Mas isso he condemnado na terceira proposição de Janênio. Se basta na tua opinião, que huma acção, que he voluntaria, se possa dizer livre, he cahir na proposição 39 de Baio condemnada por Gregorio XIII.

Sexta, na p. 68. ibi: *Homem, que não despe todos os vícios do animo todas as acções deste homem não são officios, mas vícios, e maldades.* Não reparo na má gramatica, com que aqui se explica. Vou ao ponto, e pergunto: Se este tal homem, advertindo no seu máo estado, pedir a Deus lhe dê resolução, para despedir os vícios do seu animo, será esta petição vicio, e maldade? Se no tempo, em que anda com tantos vícios, matar hum homem, peccará? Não pôde dizer que não; como porém fez o homicidio livremente, aliás não peccaria matando, podia resistir á tentação? Se resistisse, seria esta resistencia vicio, e maldade? Se diz, como deve, que não, lá vay a sua proposição. Se diz, que sim, vem a dizer, que o tal está necessitado para peccar: o que he condemnado na proposição 35 de Baio. E a proposição supra he heretica, e coincide com a 25. do mesmo Baio, tambem condemnada: *Omnia opera infidelium sunt peccata.*

Setima, na p. 161: *A Theologia fundada sobre as formas substanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religião.* Se falla da Religião Lutherana,

ou outra semelhante, seja o que quizer: se falla da Catholica, he proposição temeraria, erronea, e mal soante. Bastaõ por todos Santo Thomaz, e Escoto, que seguindo na sua Teologia o systema das taes formas, foraõ muitas vezes louvados pelos Summos Pontifices; e he temerario, e alguma couza mais, dizer que os Papas louvaraõ muitas vezes huma Teologia opposta aos dogmas da Religião Catholica. E se ella se oppoem aos taes dogmas, tambem se oppoem o Concilio Lateran. *Sub Leone X. Sess. 8.* que chamou á alma racional forma do corpo. E o Tridentino *Sess. 6. c. 16. can. 11.* que disse, ser a graça habitual inherente á alma: e que os habitos das virtudes se infundiaõ com a graça santificante; como tambem o Moguntino *cap. 7.* de que se infere com evidencia serem formas accidentaes. Veja que consequencias se seguem da sua proposição.

Oitava, p. 163. *Deos no estado da innocencia ensinou aos homens muitas verdades.* Tomara me disera, que homens eraõ esses no estado da innocencia; porque eu no Genesis só acho hum, que he Adaõ. Se quer dizer, que aquelle estado durou até Eva parir filhos, diz huma heresia.

Nona, p. 180. *Da Tradição nasce a authoridade da Igreja Universal, dos Concilios geraes, e da Igreja Romana.* Dizer, que a authoridade da Igreja nasce da Tradição, he heresia, porque nasce de Christo, quando disse a S. Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam. Pasce oves meas.* Aqui deu a authoridade a S. Pedro como Cabeça da Igreja, e nelle aos seus successores. Antes pelo contrario, para a Tradição ser legitima, e authentica, devia primeiro ser approvada, e declarada pela Igreja. Assim como ella he, a que nos declarou, quaes eraõ os livros da Escritura sagrada, e quaes os que o não são, como *Evangelium Thadai, et Periodi Tecla.* E como haviamos crer firmemente nas definições do Tridentino, se a Igreja nos não certificasse, ser aquelle Concilio legitimo; assim como não cremos, nos que declarou por conciliabulos? Veja o que diz o Author da Bibliotheca erronea *dub. 1. §. confirmatur*, ibi:

Nunquam Ecclesia controversas fidei judicare certò poterit ex verbo Dei scripto, vel tradito, quandiu incerta erit, vel de libris, quibus verbum Dei scriptum continetur, vel de monumentis, quibus ad nos verbum traditum transmittitur: fundamenta Religionis concutiunt, qui hanc authoritatem de Ecclesia tollunt. ex quo manavit communis illa certissima persuasio Catholicorum omnium, Ecclesiam distinguendo libros Canonicos ab apocryphis, Concilia legitima a non legitimis, non posse decipi. Eis aqui como fallaõ os que sabem o que dizem.

Tambem não soa bem o distinguir, como se fossem tres cousas diversas, Igreja Universal, Igreja Romana, e Concilios geraes. Tudo isto tomado em sentido catholico, unido com a Cabeça da Igreja, que he o Papa; faz huma só cousa, a que chamamos: *Unam Sanctam Catholicam, et Apostolicam Ecclesiam.* Se as toma sem a tal uniaõ, nem he Igreja Catholica,

ca, e Romana; mas Scismatica, como a da Russia; nem Concilio legitimo, mas acephalo, e conciliabulo. O contrario será cahir na 25 proposição de Luthero condemnada por Leão X. a qual dizia: *Romanus Pontifex Petri successor, non est Christi Vicarius super omnes totius mundi Ecclesias ab ipso Christo in B. Petro institutus.* Vaime parecendo, que esta divisão de Igreja, e Concilio foy tirada dos que em França appellaraõ *ad futurum Concilium* contra a definição da Bulla *Unigenitus*.

Decima, pag. 192. *Depois do Seculo sexto, dilatando-se a jurisdição dos Pontifices não só sobre os Seculares, mas também sobre os Ecclesiasticos.* Semelhante erro he proprio dos que não querem reconhecer a jurisdição do Vigario de Christo, como se os Pontifices não recebessem logo de Christo toda a sua jurisdição, o que directamente se oppoem ás palavras do Senhor: *Tibi dubo claves regni calorum... quodcumque ligaveris, & quodcumque solveris, &c.* Não ha duvida, que os Pontifices nos primeiros seculos não exercitaraõ toda a sua jurisdição, por ser predominante o Gentilismo, assim como agora a não exercita contra os Turcos, e Gentios da Asia, por não terem o bautismo, com que ficaõ subditos da Igreja, nem ainda muitas vezes contra os Christãos, por reconhecerem nisso inconvenientes; mas he cousa muito diversa não exercitar a jurisdição, ou não a ter; e este ultimo sentido faz a proposição acima notada, e por isso he mal soante.

Undecima, na p. 181. *A authoridade dos Padres antigos he infallivel.* Grande erro! Esta prerogativa só pertence á sagrada Escritura, e definições da Igreja. Veja o Senhor Doutor a proposição 30, condemnada por Alexandre VIII. fõmente por dar authoridade infallivel a Santo Agostinho ibi: *Ubi quis invenerit doctrinam in Augustino clarè fundatam, illam absolue potest tenere, & docere non respiciens ad ullam Pontificis bullam.* Isso he que queriaõ os Jansenistas.

Tambem he digna de nota a proposição, que traz fol. 230, e diz: *A Cartilha chamada do Mestre Ignacio, he cousa indigna.* He o homem insigne em bazofias. Este livrinho he hum compendio, que ensina o que devemos saber para bem pedir, crer, e obrar. Ha quasi dous seculos, que por elle aprendeo Portugal os mysterios da Fé, conservando-se sem heresias; tem sido impresso muitas vezes, e sempre approvado pelo Santo Officio. Deste pois com todo o desaforo diz, que he cousa indigna. Tenha muita faude, e Deos o faça santo. Se quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vaõ advertidos, mostre-a a quem lha possa emendar.

Por estas proposições brevemente apontadas póde Vossa Caridade formar conceito da Theologia dogmatica do nosso Critico, e dizendo, sem mais fundamento que o do seu juizo, que se não sabe no Reino, elle he o primeiro que muito necessita de a aprender, pois mostra, que só della alcança o que sem escolha de bom, e máo foy trasladando dos livrinhos. Se tem desculpa, por não ser esta a sua profissão, he culpado em fallar no que não sabe,

he, e era-lhe muito melhor acommoçar-se com o proverbio latino: *Nec sutor ultra crepidam.*

REFLEXAM IV.

Da sua Orthographia.

São as palavras tanto proferidas, como escritas, huns finaes arbitrarios, que as nações deputaraõ; as vozes para com ellas significarem os seus conceitos, e a escritura para substituirem as palavras; de sorte, que o uzo de cada nação he a ley, que introduz humas, conserva outras, e abroga as que lhe parece: *Quem penes arbitrium est, & jus, & norma loquendi,* como diz Horacio. He este principio certo, e assentado em todas as nações, ainda as mais barbaras, do qual se infere o erro do graõ Critico em nos querer introduzir novas palavras, e novo modo de escrever, sem legitima authoridade, nem ao menos apresentar procuração bastante feita em publica fõrma. Elle mesmo arroga para si esta authoridade, como se só bastasse, e fosse *unus pro cunctis*. As palavras, que uza, são boa fazenda, como estas, que de passõ notei: *noto, inoto, aquistar, imprimido, crius do cavallo, acostumar, obscuro, Maen, decernimento, esfogada,* e outras que para se entenderem he necessario hum commento.

Pertende tambem introduzir novo modo de escrever, e muitas se contradiz, que assim succede a quem quer dar regras em tudo. Manda desterrar para fóra do Reino as letras dobradas, e toda a culpa he, por se não expressarem na pronuncia, e lá vay tambem desterrado o *h* pelo mesmo peccado. Tomara saber, que intercessão lhe meteo a letra *u*, ou que privilegio teve, para que tambem não fosse desterrada das palavras, em que se não exprime, como são: *guerra, guiar, esquivar, que, quiz, quem, quero, &c.* Além de que he contra o estylo, e uzo commum, que faz ley consuetudinaria; e vindo ás palavras de letras dobradas das latinas, que as tem, he bem que se conservem, e não sejaõ sentenciadas sem serem ouvidas, como *amassent, lessent, de amavissent, legissent.* Outras vezes servem para distincão da pronuncia de breve, ou longa; como *andasse, anda-se, conservasse, conserva-se;* e o remedio que lhe quer pôr com as ritquinhas, bem o póde riscar.

Elle mesmo concede, que se escreva com *h* Herodes, e outros semelhantes, porque o tem no seu original; e porque não bastará a mesma razão para as letras dobradas, e *h*? Acrescenta, que tambem se escreva o *h* na palavra, por não escandalizar aos leitores: de sorte que nos escandalizará faltar a Herodes hum *h*, e não devemos receber escandalo de o tirarem ás outras palavras? Por ventura tem mais privilegio Herodes, que foy Rey tyranno, do que Henrique nome de hum Imperador. fante?

Aquã

Aqui nos quer dar huma nova explicação do *ãõ* Portuguez, e nos quer persuadir, que tem hum *m* no fim, e talvez levado deste engano costuma escrever: *razam, mam, amaram, vieram*. Com este modo engana a qualquer estrangeiro, que quizer ler as taes palavras na mesma fórma, que as vê escritas, e lhe dará sem duvida o mesmo som, que a estas latinas: *amandam, quendam, legendam, &c.* E ainda dado, que o nosso *ãõ* leve no fim *m*, devia nesse cazo escrever *razam, maom, amaram, vieram*, e teria sua galantaria. Não há duvida, que o nosso *ãõ* leva *m*, mas não no fim depois do *o*, leva-o entre o *a*, e o *o*, v. g. *razamo*; porém com esta advertencia, que o *m*, não deve juntar-se, nem fazer syllaba com o *o*, mas deve fazer huma syllaba junto com o *a*, e para significarmos isto, se inventou assinar huma plica entre o *a*, e o *o*: desta sorte escrevendo tudo, devia ser assim: *ra-aam-o, vi-e-aam-o*. Faça-se agora reflexão em querer ajuntar as taes syllabas na pronuncia, e achar-se-ha; que daõ o mesmo som, que damos, quando pronunciamos *razão, vierão*. Daqui vem, que muitos escrevendo esta palavra huma lhe tiraõ o *m*, e em seu lugar assinaõ entre *oa*, e o *a* huma plica, e escrevem *hãa*, e he evidente, que a tal palavras não tem *m* no fim.

Temos tambem huma reprehensão contra os que no sobrescritos das cartas escrevem o titulo de pay, mãy, irmaõ, cunhado, &c., e no mesmo tempo concede se ponha algum dos titulos da quelle, a quem se escreve, v. g. Ao Senhor Dom Fulano Marquez de tal. E porque razão, escrevendo a quem me não he nada, lhe devo escrever o seu titulo, v. g. de Marquez, e não o hey de pôr a meu pay, a quem devo tanto? Reprova o que fazem alguns nas cartas, que da mesma terra vaõ de huma para outra parte, e escrevem por baixo o seu nome, v. g. de Pedro Joaõ Castello-Novo. Escuzadas advertencias, e exemplos, que traz de outros Reinos. São muito diversas as politicas das naçoens. Na China consiste a politica das cartas em multiplicar as capas de diversas cores, mais, ou menos, conforme a graduação daquelle, a quem se escreve. Em França, e Inglaterra são taõ breves nos sobrescritos, que muitos fazem só menção do sobrenome, e assim o tenho visto. Cá em Portugal temos outro uzo, e he destempero chamar ridicularia ao costume politico introduzido em toda huma nação.

Sobre a pontuação tem muita graça, em dizer, que depois do ponto nem sempre se deve começar por letra grande. He resolução muito especial, e por ser contra o sentir commum, he sem duvida, que se moveo a isto obrigado de algum valente, e irrefragavel fundamento, em que até aqui ninguem tinha reparado. Mas qual será elle? Diz que *a letra grande offende a vista*. Que vos parece Irmaõ? He razão de Cabo de Esquadra, ou não? Nós cá que temos a vista mais gorda, cuidavamos que a letra pequena, quanto menor, se fazia menos visível, e que a grande se via me-

lhor.

lhor. Bem grande he o Torrião do Paço, e a cada passo entraõ no Tejo náos de linha, e de bom tamanho, e nunca ouvi queixar he, que por serem objectos grandes offendessem a vista. O que vos posso segurar he, que quando eu vou pedir a esmola para o Convento, nunca se me offendeo a vista por ver hum paõ grande, quando mo daõ de esmola; se me daõ hum merendeiro pequenino, se me não offende, ao menos não o diviso tanto como ao grande.

E que diremos de julgar, que se devem introduzir no Reino escolas para os rapazes aprenderem a lingua Portugueza? Haverá esta moda em França? O homem tem bellas idéas; he boa moda, que os pays gastem dinheiro para que os seus filhos fallem. Nas escolas de ler, escrever, e Grammatica tanto fallaõ elles em Portuguez, que amofinaõ aos Mestres, e he necessario castigallos, para que se callem. A nossa lingua não he morta, para que os naturaes necessitem de tal diligencia. As rasoens, com que prova a sua resolução, são taes como o methodo. Diz que as primeiras palavras, que ouvem as crianças, são das amas, e das mãys, que as costumão pronunciar mal. Se ellas fossem Mazombas, alguma razão teria; mas cá no Reino fallaõ com certeza, e bom acerto grande parte dellas. Demos porém, que quasi todas não sejaõ cultas na pronuncia, será necessario abrir escolas de lingua para as amas, e mãys; e logo huma ley, que nenhuma mulher possa cazar, nem criar, sem ser examinada, e approvada pelo Mestre da lingua, e o officio terá de boa renda.

E se em todo o Reino se ha de intro luzir este estudo, em humas partes dirão, que já sabem, e que não querem ao Mestre; em outras, que não querem mudar de linguagem, allegando que tal cousa se não uza nos mais Reinos, porque em França há diversidade de fallar nas suas provincias, e o mesmo se experimenta em Italia, e Castella. Verdade he, que os Romanos tinhaõ escolas da sua Grammatica; para isso tinhaõ especial razão, por ser a lingua Latina cheya de muitas regras, e excepçoens, falta de nomes, e verbos anomaes, e summamente miuda na conjugação dos verbos, e na syllaba, e foylhes preciso este meyo para fallarem certo, e cultamente. Porém na nossa não há essas miudezas, e com uzo se aprende muito bem, como vemos por experiencia.

O methodo, que manda guardar a estes novos Mestres da lingua ternas cousas lepidas. Diz, que enfim aos rapazes conhecer a propriedade das palavras, naturalidade da fraze, fugir da affectação, e escrever cartas. Mas quem ha de meter na cabeça a rapazes, ou crianças de poucos annos sabem distinguir, que cousa he affectação de palavras, naturalidade de fraze, e escrever cartas? Se não hajaõ de sahir da escola sem saberem tudo isso, e escrever cartas? Se não hajaõ de serem barbados, e casados. Só não aprouva, que lá se deteriaõ até serem barbados, e casados. Só não aprouva, que nestas escolas se reja a Grammatica, que he nota, que poera ao Padre Argote: bem podera advertir, que este douto Padre não compoz

C

a sua

a sua arte para os naturaes, mas muito em particular para os estrangeiros a quem a nossa lingua não he materna.

Tambem requer hum bom dictionario, que o da Profodia não presta, e não se accomoda com o do Padre Bluteau, porque he em muitos tomos, e se fosse em poucos, teria o achaque de ser breve; e tambem lhe nota, que traz palavras plebeias, e antigas. Pois se estas já se não uzaõ ordinariamente, como saberemos o que significavaõ, se nos não ficar lembrança dellas nos dictionarios? Quanto ás palavras plebeias, bom remedio seria, se as fossem aggregando á nobreza, e as de mayor merecimentos alcançassem seu filhamento. Por ultima conclusaõ, esta primeira Carta he escuzada, e o tempo, em que se escreveo, melhor seria gastallo em rezar pelas contas.

REFLEXAM V.

Da Grammatica, e Latinidade.

Nesta Carta promette com grande segurança, que a Grammatica se aprenderá fundamental em hum anno. Bem sey que o prometter he facil, e muito diverso de cumprir. Para isto reprova os Cartapacios, que andão em vulgar, e para fazer o caso mais feyo, multiplica os que são identicos, e declara os que não andão em uzo geral para accrescentar o seu catalogo. A Arte de Manoel Alvares fica no seu supremo tribunal reprovada, e sentenciada a desterro, por ter máo methodo; ser composta em latim, e trazer muita cousa escuzada. Mas fazendo reflexaõ em quanto diz nesta sua Carta, nada apparece ao intento: ao menos nos contentariamos se apparecesse com o livrinho em doze, que segura póde incluir tudo, quanto he necessário para se saber Grammatica; mas ainda não julgou, que merecíamos esse seu favor: não deixe de o fazer quando for servido.

Em primeiro lugar, quanto ao ser composta em latim, tem mostrado a experiencia, contra aqual he imprudencia argumentar, que com ella tem estudado, e estuda muita gente boa, e com grande aproveitamento, tanto no Reino, como fóra delle; e bastará por prova, que estudando sua Merce por ella, sabio tão eminente na Latinidade, como em tudo o mais, que admiramos neste seu methodo geral. Ella ki traz as Linguages com o Portuguez correspondente; para os Nominativos era escuzado, como se vê; o mais estudado logo na lingua Latina conserva-se muito melhor na memoria, do que se fosse em Portuguez. Eu tambem andey nas elasses, e posso afirmar, que alguma cousa, que me lembra das suas regras, são das Latinas, e dellas me valho para construir quatro palavras, e escrever outras quatro; e o mesmo haõ de experimentar todos, porque o Latim he para se

se conservar na memoria, e não para se deixar nas classes, quando se deizaõ para subir a outras mayores.

Para que os rapazes, em quanto aprendem, entendaõ as regras, se lhes poeni o seu sentido no Cartapacio de Generos, e Preteritos, e isto meliõ se uza nas outras Provincias. A Syntaxe traz na Arte o preciso das regras; como porém he só compendio: a falta de muitos usos de Verbos, e nomes se suppre com o Cartapacio, ainda que não se obrigaõ os estudantes a darem conta de tudo, reservando para os que pelo tempo adiante quizerem saber todas as miudezas, o mais que fica no Cartapacio, e tambem as curiosidades do Promptuario, que he huma breve, e pequena parte do muito, que adverte o insigne, e erudito Padre Vellez. Tudo isto he preciso, para se aprender huma lingua tão vasta em preceitos, excepções, diversos modos no uso dos Verbos, e Nomes, que até os mesmos naturaes della se valiaõ de livros, e escolas para a saberem bem; e muito mais sendo para nós morta, e sómente tirada dos livros, que são os monumentos, que della nos ficaraõ. E quem com madureza de juizo ponderar as difficuldades, que tem o aprender esta Grammatica, tem por fatuidade afirmar, que se póde saber em hum anno.

O methodo, que segue Manoel Alvares, he o melhor, que até aqui tem apparecido, em quanto não sabe à luz o livrinho em doze, que nos promette; e esta foy a causa porque o Geral da Companhia com o maduro conselho de homens doutos quiza introduzissẽ nos estudos; mas isso não podia obrigar aos outros Mestres, que em todas as partes abraçaraõ, e servir de preceitos para usarem della. Para credito desta Arte basta ver, que em toda a Europa he venerada, e seguida com bem pouca mudança accidental; e que estudando por ella tem sahido muitos eminentes na lingua Latina; e era impossivel sabirem bons Latinos estudando por regras más, assim como não podem sahir rectas as linhas tiradas por regra torta.

Mas para que se veja o nada, que contra o methodo desta Arte prova o Senhor Critico, façamos este discurso. He sem duvida, que para o Latim he preciso saber Nominativos, para declinar os nomes, tanto os regulares, como os anomaes; e tambem saber Linguagens para a declinaçãõ dos Verbos. He igualmente preciso saber os Generos dos nomes, e os Preteritos, e Supinõs dos Verbos para a formaçãõ dos mais tempos. Não se póde negar a necessidade, que ha de saber Syntaxe para pôr certos os casos, e a Syllaba para não errar na pronuncia. Não haverá quem negue serem necessário estas cousas, salvo se nunca aprendeo *Musa, Musa*. Pois isto he o que traz a dita Arte de Manoel Alvares: e para ser completa, e acharem nella tudo o que resta para aprender com perfeiçãõ, entina a Syntaxe figurada, mediçãõ, e variedade de versos, que se achaõ nos Poetas, e finalmente o uso dos acentos. Para o Critico provar alguma cousa ao ponto, devia mostrar huma de trez cousas contra a Arte; erros nas re-

gras, falta das precisas, e superfluidade. Em quanto não mostrar alguma destas cousas, não diga mal de huma Arte, que tem por assumpto ensinar a fallar bem.

Os estudantes negligentes lhe devem estar muito obrigados, porque não quer os mandem os Mestres castigar, mas que os soffraõ com paciencia, e procurem attrahillos com premios. Bom conselho. Mas o pay, ou mãy, que se acha em casa com cinco, ou seis, vê-se amofinada com elles, e que fará hñm pobre Mestre às vezes com duzentos? Os pays castigão-nos, e os Mestres que os tratem como se fossem de vidro de Veneza? Castigar os discipulos com a palmatoria era tão uzado entre os mesmos Romanos, que para Juvenal explicar, que andara no estudo do Latim, explicou-se com dizer, que tambem nos primeiros annos levará suas palmatoadas: *Et nos ergo manum ferula subduimus*: de modo que he synonymo andar na classe, e provar a palmatoria.

E sem duvida, que não sabe que ha rapazes, que levarão os premios dos Mestres, e nem por isso pegarão em hum livro; e são como os peixes, que comem a isca, e não ficam prezos no anzol. Diga-nos neste caso, que remedio lhe occorre, e muito mais, quando os mesmos pays os vem accusar, e encommendar aos Mestres, que os castiguem: e que hão de fazer, quando por sua culpa faltaõ ao estudo, huns jogão os murros com os outros? Quando andey no pateo, ainda que fuy negligente, bem conhecia, que o Mestre tinha muita razaõ em me fazer castigar; tambem conheci os que nunca levarão castigo, porque erãõ tão cuidadosos, que não o merecerão; mas estes são poucos, aos mais he necessario às vezes levá-los por medo; porque aquella idade ordinariamente não he ainda capaz de se levar por brio. Se o Critico era dos que nunca merecerão castigo, e trouxe o brio do primeiro dia, em que nasceo, dê graça a Deos, e deixe aos Mestres fazer o que entendem, que o castigo das classes não faz dano à faude dos estudantes.

Se dermos attençaõ ao que manda neste seu Methodo, que estudem os que frequentão a Latinidade, he insopportavel a carga, que lhe quer acrescentar. Ordena-lhe, que estudem Geografia, Chronologia, escrever cartas, e Historia para entenderem os Poetas, além de repetirem comprimentos em Portuguez huns aos outros, e outras arengas, que são fóra de tempo, e lugar. Para se construir este verso de Virgilio: *Troiaque nunc staret, Priamique arx alta maneres*, he preciso saber, em que parte da Asia menor, hoje Natolia, ficava Troya; se longe, ou perto da praya; quanto distava da Grecia, quando se fundou, e por quem; quando se queimou; que idade tinha Priamo, e quantos filhos tinha. Que parentesco tem estas erudiçoens com o Latim?

Finalmente diz, que he superfluo, que se estudem versos de cor, porque he cansar a memoria; sem advertir, que o estudo de cor não a cansa,

sa, antes a faz mais prompta, conlõrme o axioma bem vulgar: *Memoria escolendo fit*. Por despedida ordena, que os Humanistas saibão lingua Grega, e Hebraico para entenderem os livros, como se não estivesse tudo muito bem explicado nos commentos satinos. Não sey porque não lhe aconselha, que aibaõ Francez, Italiano, Tudesco, Inglez, e por curiosidade a lingua de Angola, e a dos Tapuyas do Brasil. O certo he, que as suas criticas da Grammatica, e Latinidade, bem se pôdem levar *ad vendentes thus*, e odores.

REFLEXAM VI.

Da Rhetorica, e modo de a estudar.

Nesta Critica parece, que se alterarão os humores do Muito Reverendo, e fez huma satyria bem delecomida. Antes de tudo supponho, que ha duas Rhetoricas, huma natural, que se achã nos homens com bastante desigualdade, e pôde acontecer, que hum rustico exceda nella a hum grande estudante; e por esta razaõ pouco se devia Sua Reverencia admirar, quando vio (como diz) hum sujeito sem letras exprimir o seu sentimento melhor, que muitos Rhetoricos. A outra he artificial, de que se trata aqui, e serve para aperfeiçoar a natural, porque *ars perficit naturam*. Não ha duvida, que he bom o estudo desta, e que he util para Oradores sagrados, e profanos, Poetas, Historiadores, Compositores de cartas, e qualquer outra composiçaõ, e em qualquer lingua. Tambem concedo, que ha muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco usão desta arte de fallar, e observaõ mal os preceitos della, e quando muito servindo-se só do natural conlõrme Deos lha concedeo; mas não queira impurrarnos todo o parnal, que tambem pelas outras naçoens ha bons, e máos; porque nos boques ha páos direitos, e muito tortos.

Porém, que culpa tem disto a Rhetorica de Pomey no seu *Candidatus*, e a do *Aristine Rhetorum*, para dizer, que não são boas? Talvez cuidaria, que os Authores erãõ Portuguezes, e esqueceolhe de censurar a celebrada do nosso Cypriano. Para ser racional a sua censura, devia affinar os eros, que achou nellas, mas a sua teima he dizer mal, e basta que lo diga yo: quando muito acode à tua costumada cantilena: *Que não tem methodo, e que he escura*; e com isso se mete tambem no escuro passando adiante, tudo em geral, e nada ao ponto. E he de advertir, que querendo mostrar o que se deve aprender da Rhetorica, nada aponta, que se não ache nos mesmos Authores, que censura, nem era possivel o contrario, salvo se quizesse inventar nova Rhetorica, que para tudo he o seu grande talento. Lá diz que sabe de huma, cousa boa, em Portuguez, e nos deixa o desejo de avermos; mas não a quizeramos em Portuguez, seria mais engraçada

graçada em Latim, e de caminho admirariamos a sua culta Latinidade: em tanto que ella se não publica, aconselha-nos, que a estudemos por Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino; e como se differa, que para ir a Roma, vamos pela Perlia. Se ca a temos mais perto, para que he bucca longa?

Vale muito pouco a digressão, que faz, satyrizando aos Prégadores. Algumas cousas finge, mas se são verdadeiras, sejaõ embora: já disse, que em todas as partes ha bom, e máo. Para ficar mais celebre a sua Critica, desfaz no Padre Vieira, querendo persuadir, que não fora Prégador, nem tivera estimaçãõ em Roma, e traz notadas varias clausulas dos seus Sermoens. De nenhuma sorte quero gastar tempo em defensão de Vieira, elle de tal sorte mereceo os applausos; tanto em Portugal, como fóra delle, e particularmente em Roma, que per si se defende, e he Mestre dos Prégadores: *Rumpatur quisquis rumpitur invidia.*

O Critico diz, que as Cinco pedras de David, que prégou em Roma foraõ seixadas espirituaes, alguem diria, que a censura era de couces; eu tal não digo, só me quer parecer, que fallar em pedradas he rapaziada. Se leste em Santo Agostinho no *tr. 58. in Joannem* explicar, e moralizar as duas vezes, que Moysès ferio a pedra no deserto: *Gemina percussio duo ligna crucis significat*, que pancadas não daria contra a explicação do Santo! Se leste no Sermão de *Tempore 197.* fallando do desafio de David contra Goliath: *Venit verus David Christus, qui contra diabolum pugnaturus suam crucem ipse portavit: videte ubi David Goliath percussit, in fronte utique, ubi crucis signaculum non habebat; sicut enim baculus crucis typum habuit, ita lapis ille, de quo percussus est, Christum Dominum figurabat.* Aqui diria, que andava Santo Agostinho às seixadas? Seria bom conselho não se meter a fallar no que não sabe; e escuzaria de afirmar, que a Historia do futuro era o *Clavis Prophetarum*. Bem mostra, que o não vio, porque este he *De regno Christi in terris confirmato*, e pôde casar sem dispensa com a Historia do futuro, que foy huma mera curiosidade do Vieira.

Tornando ao ponto. Ha dous modos de prégar, hum puramente oratorio, sem uzo de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal. Este he o estylo do Padre Señeri, e muito usado em Italia, e delle usa o Padre Bordalo, Francez; he proprio para sermoens de missãõ, porque serve para melhor excitar o auditorio à penitencia, e emenda das vidas; e por isso prudentemente se conclue o seu epilogo com o acto de contrição, lugar muito proprio, quando já os ouvintes se suppoem dispostos; o que com assaz imprudencia impugna o Critico, dando nos com isto a conhecer, que não querendo a misericordia, será merecedor do Hospital.

O outro methodo he usando de conceitos tirados do sentido allegorico da Escritura, de que mais se agradaõ os nossos Prégadores, e os Heipanhoes.

panhoes. E se o Prégador une o bom discurso, e bem deduzido do seu assumpto com o conceito posto em seu lugar, não ha duvida, que he agradavel; e por esta causa foraõ ainda em Italia taõ applaudidos os Sermoens de Vieira. Nem este modo de usar das Escrituras he alheyo, antes muito familiar aos Santos Padres. Assim o mostra o lugar acima apontado de Santo Agostinho. O mesmo estylo se lê no *Serm. 45. de diversis*, e na *q. 13. ex Mat.* e outros lugares. Este uso he familiarissimo a S. Gregorio Papa: basta por exemplo ler a sua Homilia 29. na qual expõem o texto: *Elevatus est Sol, & Luna stetit in ordine suo*, accommodando a Christo o nome de Sol, e à Igreja Catholica o de Lua. O mesmo estylo se acha em S. Jeronymo na *Epist. 2. ad Nepotianum, tom. 1.* E he taõ frequente este sentido na Escritura, que tem muitos lugares, que de nenhuma sorte se podem tomar no sentido literal, como quando se diz no Gen. que Deos se arrependera de ter creado ao homem. Não quero dizer, que todo o Sermão deve constar de conceitos huns enfiados com outros; que se estes criticasse o Author, *vade in pace.*

Não me fica sem reparo dizer o Critico, que a obrigação dos Qualificadores do Santo Officio he serem defensores dos livros; mas he ignorancia, porque são Censores, que devem informar ao Tribunal; se os livros são dignos de se imprimirem, e tambem denunciar os que apparecem impressos, e trazem coulas dignas de censura, como este Methodo, que por isso ficou recluso nos carcerees da Inquisição. De caminho os culpa de fazerem aos livros approvaçoens laudatorias. Não se compadeça de que tomem esse trabalho; e se lhe parecer, não as leya, que não he obrigação. Se tem disão inveja, bom conselho, mande imprimir no Reino estas suas Cartas, e eu lhe prometto, que não faltará a lhe fazerem os elogios merecidos: ainda que seja seu Revisor aquelle panegyrista, a quem argúe de ter *presumpção desmedida.* Veja, não lhe dê o rayo em casa, e saiba, que tem o telhado de vidro: mas não ha cego, que se veja.

REFLEXAM VII.

Da Poesia.

Nesta Critica diz, sem mais que o seu querer, que os Portuguezes não são Poetas, mas huns meros versificadores. Lendo porém toda a sua arenga, só encontro hum largo discurso da diversidade, que ha de composições, como se nos fosse necessaria esta erudição, e culpando no seu tribunal os elogios, e pelas notas, que traz contra os que aponta, bem mostra, que não sabe, qual deve ser o seu estylo. No titulo da Carta promette a nova idéa de huma Arte Poetica, mas esqueceo-lhe, julgando não ser obrigado a cumprir todas as suas promessas. Salvo se a Arte

promettida se inclue naquellas regras, em que diz, que se faça o Poema com arte, com invenção, e com modo. Grande idéa! Muitas outras da-rey eu da mesma casta V. g. para fundir sinos de boas vozes. Derretão-lhe os metaes com devida proporção; faça-se a fôrma com arte, e com a grossura, e altura, que manda a regra, e sahirá hum bom sino, que não tenha inveja aos de Maфра. Prepare-se a madeira, como he bem, a qualha se arme na sua justa proporção, as cavernas levem a altura, e bojo necessario, os mastros, e velas na medida proporcionada, e temos huma não bem feita; e assim discorrendo pelos mais artefactos.

O seu mayor empenho he censurar as obras poeticas, e nem Virgilio nas Eclogas lhe escapou, sendo que estas são as mais celebradas. Camões nada vale, e ainda que o verterão em Italiano, diz, que não soy porque o estimassem; e dá por prova, que tambem o Vieira se traduzio em Italiano, sem que aquella nação o estimasse. A prova he de rapaz. Não se cante, que não ha de tirar a Camões a estimação, que merece de Principe dos Poetas Portuguezes. Dá outra prova tão boa como a primeira, e he porque usa de muita sinalefa. E que dirá de Virgilio naquelle seu verso, que não he das Eclogas: *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum?* Accrescenta, que traz versos errados. E não seja culpa das muitas impressões, que delle se tem feito, quando este seu Methodo, cahio em tantos erros logo nesta primeira impressão, como mostrão as suas erratas? Se porém errou Camões, não imite os erros, porque esses não impedem, que o mais seja bom, e *hominum est errare*; e por satisfação construa estes versinhos: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura.*

Passa logo à censura dos versos de Fr. Antonio das Chagas, e vem-se o mundo abaixo, porque differa em hum verso *agradables danos*, julgando, que andão alli os trocadilhos aos murros. E porque? Porque os damnos se nam podem dizer agradaveis? Grande difficuldade! Não achou a Igreja Catholica inconveniente em chamar à culpa original de Adão, como lemos no Officio do Sabbado santo: *O felix culpa, qua talem meruit habere Redemptorem*; e he grande desacordo dizer, que ha damnos agradaveis. Ha erros, que são certos, e por isto he adagio latino: *Rectum ab errore*. Quantas vezes de hum damno nasce huma grande felicidade? Em huma occasião deraõ huma estocada a hum homem, e a espada lhe furou huma postema, que tinha no interior, e lançando-a pela ferida, ficou livre della. Outro, dando huma grande pancada com a cabeça, ficou com seu juizo perfeito, sendo até então mentecapto; e porque se não podia dizer, e muito mais na Poesia, que aquella pancada, e estocada forão agradaveis? Outros peccados teria o Chagas, que chorar, que aqui não ha materia de absolvição. Causa seu divertimento ler a censura, que á descripção de hum grande nariz nos versos seguintes.

Era-

*Era-se un espolon de una galera,
Era-se una pyramide de Egypto,
Las doze tribus de narizes era,
Era-se un narizissimo infinito
Machissima nariz, nariz tan fiero,
Que en la cara de Anax fuera delicto.*

Nam pode levar à paciencia, que o Poeta pintasse em hum só homem hum nariz, que se podia repartir por muitos mil, e que he cousa alheia da razaõ, que haja nariz do tamanho de huma pyramide de Egypto. Pois, nosso Irmaõ, não quer dar licença aos Poetas para uzarem de hyperboles? *Pictoribus, atque poetis Quidlibet audiendi semper fuit aqua potestas*: e repare no *semper*, que denota posse immemorial: e de mais de cem, e duzentos annos. Se as exaggeraçoes não servem os Poetas, a quem quer que sirvaõ?

Consultemos neste grande cazo a Virgilio, que tem voto na materia. Quiz elle explicar o grande olho, que Polifemo tinha na testa, e disse que era do tamanho de hum escudo Grego, e não menor, que o globo do Sol, conforme parece à nossa vista. *Argolici clypei, aut Phæbea lampadis instar*. Para dizer que era de estatura agigantada, diz que entrando até o meyo do mar, ainda as ondas lhe não chegavaõ ás costas: *Gradi-turque per aquor jam mediam, nec dum fluctus latera ardua tinxit*. Disse, que o cavallo de Troya era como hum monte *Instar montis equum*; e as obras da fortaleza de Carthago as poz na altura do Ceo. *Pendent opera interrupta, minaque Murorum ingentes, aquataque machina Cælo*. Se quer mais, affinarcy exemplos sem conto. Sendo pois este modo de exaggerar tão familiar aos Poetas, que lhe fez aquelle nariz para cortar por elle? He verdade, que como he grande, ainda lhe fica que repartir.

Empenha-se em louvar hum Soneto, de que está tão pago, que duas vezes o repete na sua obra por exemplar, e devia ser obra sua. Tem por assumpto mostrar, que huma dama era formosa por ser feya. Só quero apontar as primeiras quatro regras por amostra do panno, e são as seguintes.

*Es feya, más desorte, que horrorosa
A tua vista he bella a fealdade;
Mas tens tal fortuna, que a enormidade
Te consegue os tributos de formosa, &c.*

Euge, Poeta, não há mais que dizer. Mas com sua licença, se vay a fallar sem lisonja, o Soneto não tem pés, nem cabeça. Duas vezes repete aqui a palavra *mas* sem graça, e com máo artificio. Nas quatro re-

D

graç

gras se acha hum horrendo pleonasmio, porque as primeiras duas dizem o mesmo que as ultimas, como se disseramos: Bacalhão com ovos, ovos com bacalhão. E ainda não está toda a conta nestes reparos. Os Poetas tem licença para uzar de hyperboles, mas ainda não alcançarão faculdade para unirem hum contraditorio com outro, porque isso he impossivel. A fealdade he contradictoria da fermosura, e tanto pôde o feyo ser fermoso, como a luz escuridade, o bom máo, e o torto direito. Pôde huma mulher, ser fermosa por hums predicados, e feia por outros, v. g. feya na cara, e fermosa no entendimento, e graça no cantar; feya nos olhos, se for bem torta, e bem feita no corpo; mas a fealdade ser fermosa, e a fermosura feya, he impossivel, e querer persuadillo he bom despropósito. Q mais que diz sobre a Poesia não merece repostta, mas total desprezo.

REFLEXAM VIII.

Da Logica Aristotelica.

Muito perdeo Aristoteles por não viver neste tempo, em que podia aprender deste Critico geral novo methodo de compor: na verdade diz delle tantos males, que se souberse onde estavam seus ossos, era capaz de os mandar á queima. A principal caua he porque admittio formas substanciaes, e accidentaes; muitas vezes repete esta queixa, e eu podendo desprezalla, sempre venho a cahir na tentação de responder alguma cousa, tendo já dito o que basta, e sobeja na Reflexão III. Digo agora pelo contrario, que entã seria culpado, se não admittisse taes formas substanciaes, e accidentaes distinctas; e que não he pequeno louvor de hum Filosofo gentio, que sem a luz da Fé atinasse com verdades tão proprias dos dogmas da nossa Religião, e dou razão do meu parecer, *habita venia* de Sua Reverendissima, ou Sua Merce.

Não pôde negar, que a alma racional seja forma do corpo, como lhe chamou o Concilio Lateranense, nem tambem que haja accidentes na substancia, pois além dos accidentes da Eucharistia, de que fallarey em a Reflexão X. da Fysica, sabemos que ha actos do entendimento, e da vontade assim naturaes como sobre naturaes de atrição, contrição, &c. Ha habitos infusos de Fé Esperança, e Charidade, e esta se perde pelo peccado grave, e se recupera com a graça, que tambem he accidente, e este, e os mais distinctos da alma. Sua Merce não pôde negar isto *salva fide*; pois estamos concordes na realidade. Se o confessa, toda a bulha consistirá no nome: nós chamamos-lhe formas accidentaes, e à alma racional forma substancial: bautize-as lá com outros nomes, ainda que não sejam dos que manda o Ritual Romano, que nem lho impediremos, nem nos fará novidade, *et sublata est omnis dubitatio*.

Nesta

Nesta Carta vay trasladando huma grande, e erudita narração de Filosofias, que houve, e como se propagaram, e extinguiram, os seculos em que floreceram, e os Authores que as ensinaram, com tanto magisterio, que tremem os cunhaes do palacio Filosofico, e de Minerva. Todas essas historias, sejam ou não sejam assim, lhe concedemos de boa vontade; e que se tira dahi? Nada. Tambem confessamos com todo o coração, que a Filosofia experimental, e os seus instrumentos são dignos de toda a estimação; mas com tudo isso, ainda que sue pela testa, não ha de provar, que essas experiencias destroem o systema Aristotelico: appareção as balanças para pezar o ar, que para bem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar não tem mixtura de vapores, e exhalacoes, que facilmente podem causar esse pezo; mas dado que peze o ar, diremos que Aristoteles, se disse que o ar era leve, ou fallou respectivé aos corpos crassos, ou se enganou; e por tão leve culpa logo o havemos de desterrar? He muito rigor; quanto mais, que terá a desculpa, que *pelo peccado ficamos sujeitos ao engano*, como Sua Merce diz na r. p. fol. 253, e Aristoteles tambem era filho de Adão para incorrer nesta pena. E aqui mesmo o mostra nesta Critica discorrendo largamente sobre as cauzas, que temos dos enganos, e das más idéas, que formamos; e só Sua Reverencia pela graça de Deos está izento dellas.

Arma logo huma grande bateria contra a ponte de Aristoteles, que intitula dos Años; e com razão, porque nella se dá a conhecer os que o são. Não se atreve com tudo a affirmar, que a formação dos syllogismos nas suas figuras contenha erros; mas sim que são embarçados, e quer tirando alguns da primeira figura, são superfluos, e ninguém uza delles argumentando. Tudo isso cá para nós he já velho, e o confessamos com o Padre Arriaga, que he Aristotelico. Já que fallamos em argumentos, falbaõ todos os arguentes, que não devem gritar nas conclusões, porque se escandaliza muito disso Sua Reverencia, e he justo, que se lhe faça a vontade. Tambem confesso, que as nossas Filosofias andão cheyas de muitas questoes, que se podião omitir, e disto tem culpa os arguentes, que deraõ em levantar tantas duvidas, que são a causa de que os Meftres as tratem. Ao menos servem para apurar o discurso, e com a percepção destas chamadas galantarias da Escola fica um estudante habil para perceber qualquer difficuldade mais embarçada. Se não está por esta razão, e diz que são superfluas, *transcat*. De quantas superfluidades se uza para o ornato do corpo, como são polvilhos, cabelleiras, sedas bordadas, &c.? Quanto dinheiro se gasta em adereçar huma sala com cadeiras, espelhos, cortinas, pannos, e vidraças? Que peccado he, que os estudiosos lidem com questoes, que ornão, e desembazão o bom discurso?

E que diremos da incoherencia, com que fallá dos syllogismos? Humas vezes os condemna, e logo os approva; já diz, que entraõ em tudo,

D ii

ca

e a poucos passos, que sem elles se póde discorrer. Ora asentemos em huma cousa. Tambem se esfórça a provar, que ha questoes mais facéis de entender sem explicação do que com ella: traz este exemplo do vinho, que he de prova. Se dissermos a hum rapaz: Vês aquelle ramo na porta? pois significa, que alli se vende vinho; mais facilmente o entenderá do que se lhe disser: Este ramo signal arbitrario, e com dependencia da vontade he imposto para significar vinho. Vio-se frioeira semelhante? Tambem se eu disser ao rapaz: *Ramus ad osium appensus significat vinum venale*, não me ha de entender, não por ser escura a explicação, mas que póde entender quem não sabe Latim? Da mesma sorte mal entenderá a explicação em termos Filosóficos, quem não he filósofo. Se eu disser a hum rustico: O Sol anda á roda da terra, e huns mezes faz huns dias mayores, e outros menores, melhor me entenderá, do que se lhe fallar por termos mathematicos em Equinocio, Solsticio, Zenith, Apogeo, Perigeo, Meto recto, obliquo, e de trepidação. Sem duvida, que a explicação deve ser em termos acomodados ao que ouve, e não como fazia hum, que rogando ao barqueiro o trouxesse de Santarem a Lisboa, lhe disse assim: Douro, e perito nauta, levaine na vossa cava cimba pelas ondas de Amphitrite até a minha cara patria.

Deixando porém o caso da explicação do vinho, que he cousa de rapaziada, vamos ao principal. No titulo da sua Carta nos promete o Critico dar a idéa de huma boa Logica, e nella se não acha outra, senão esta, que traslado pelas suas mesmas palavras da pagina 262. e são as seguintes: *Entender os vocabulos, determinar as questoes, separar as partes dellas, fugir de todo o genero de equívocos, fugir das escuridades, estabelecer termos communs, e claros, entender os testemunhos para a historia, antiguidades, cronologia, geografia. Para a Fysica as noticias das melhores experiencias, ler o contexto, e ver as mais cousas, que apontão os outros para não errar no criterio, ter presentes os canones, que communmente se assinaõ para distinguir as obras supostas das verdadeiras.* Que vos parece a ingrezia? Nam póde haver coisa mais escura, tudo palavras geraes sem alguma explicação, como se dissera: Ideia para fazer papeleiras: Preparese madeira, não falte grude, tornos, tinta, e o que mais for necessario, tudo se ajuste conforme a arte, e temos papeleira. E pergunto eu: que cousa he entender os vocabulos, e quaes são? Que cousa he determinar questoes, e separar parte dellas! Nada disto se explica; e se tomarmos estes preceitos na generalidade, que soão, não basta a vida de Matusalem para se saber esta Logica. Cuidarão alguns, que fugir das escuridades he estar sempre com luz. A verdade he, que quando o Critico escreveo esta idéa logica, d- tas cuidando em outra cousa.

R E

REFLEXAM IX.

Da Metafizica.

Muito se empenha este grande homem em censurar o modo, com que os Aristotelicos trataõ a Metafizica, compadecendo-se do trabalho inutil, que tomam em tratar tantas questoes. Agradecemos a charidade fraterna, e o zelo que tem do nosso descanço. Tambem louvamos muito a grande urbanidade com que aceita os elogios, que lhe dá o seu correspondente, e isto sem sombra de vaidade, pela idéa da nova Logica, que deu na Carta antecedente, que he excellente, e póde servir para embrulhar cominhos. De caminho lhe encomenda não publique as suas Cartas, senão a quem as entenda. Oh quem serião estes ditos! E logo dá a razão porque ha juizos de pedra, e cal, e cabeças duras.

E V. m. meu amo entende, que não são bons estes juizos? Vá vendo as circumstancias, que tem as paredes de pedra; e cal. Ellas tem fundamento, e começo de lugar mais solido; e assim deve ser o juizo do homem, ser bem fundado em alicerces solidos de boa doutrina. Estas paredes compõem-se de pedras postas em boa ordem, muitas dellas lavradas todas, direitas, e a prumo. E não he proprio de hum bom juizo comporte de noticias bem ordenadas, lavradas com o trabalho dos estudos, noticias, que vão direitas á verdade, e por isso bem apumadas! As taes paredes são fixas, e firmes no seu lugar, e sempre com pezo: e não he este juizo melhor, que o leve, o qual se inclina para onde correm os ventos, e com perigo de dar muita cabeçada? A parede de pedra, e cal toda he solida por dentro; e juizo, que não tem esta solidez, he vão, e oco. Chamalhe V. m. cabeças duras: pois agradaõ-lhe as moles, que não tenham calco, ou se os tem, são de cebola! Se são duras, por se não amolgarem aos seus documentos, fazem muito bem, e não querem consentir em destemperos; tenha paciencia, e busque quem o creya, que o mundo he largo, e nelle há gente para tudo.

Tomando ao nosso ponto. Depois de fazer huma digressão, explicando que cousa he Metafizica, assenta que he inseparavel da Logica, e Fysica. Se quizer dizernos, que humas partes tem connexão com as outras, tudo lhe dou; e ainda digo mais, que de baixo do unico titulo de Ente metafizico se póde tratar toda a Filosofia, como fez o Padre Soar. Granat. em hum só tomo. E se quer ainda mais, digo, que o titulo de Ente he tão universal, que de baixo d'elle se podem tratar todas as artes, e sciencias, porque tudo he ente: isto porém não obsta, que se possa tratar estas partes do ente separadas, e devidadas em varias materias; huma considerando o ente de hum modo, e outra de outro; nem nisto haverá peccado, que levemos aos pés do Confessor.

Des-

Deſta digreſſão deu-lhe o ſtato em cenſurar a Feijó, e a culpa maior he, porque nos ſeus livros ſe aproveitou do que traziaõ os outros: bem podera advertir no noſſo adagio: Em caſa de ladraõ naõ fallemos em corda. As obras do Padre Feijó ſão muito cruditas, e ſobre modeſtas, e comedidas, naõ nomeaõ peſſoas determinadas, dizendo que eſtes ſão máos, aquelles peyores; huns naõ eraõ taõ ſábios, como ſe dizia, e outros naõ tiveraõ a eſtimação, que ſe inculca; fulano naõ ſoube pregar, e fulano naõ entendeu o que diſſe. Mas para ſe alcançar de huma obra, ſe he eſtimada, repare-ſe no gaſto da impreſſão; a de Feijó todos a querem, a do Critico geralmente he aborrecida, e desprezada, como merece. Conclue afirmando, que naõ necessita de Feijó, quem tem boa Logica, como ſe eſta foſſe hum conglobado, de todas as couzas. Eu naõ ſou muito verſado em historias, mas ainda me atrevo a contar-lhe hum par de duzias, ſem eſtar nenhuma dellas na ſua celebrada Logica.

Segue-ſe agora huma grave, e muito ſéria reprehensão aos Peripateticos, porque ſe fundaõ no prejuizo das fórmas diſtinctas, e por iſſo naõ merecem, que ſe lhes responda. Grande perda! E alguem pergunta-lhe por iſſo? Mas dezejo ſaber, ſe as fórmas diſtinctas ſão alguns manjares de má qualidade, que cauſem prejuizo na ſaude, ou ſe ſão como arpias, que roubem o dinheiro; porque nella ſuppoſição iremos mais attentos com ellas. Notavel he a lida, que tem com as fórmas diſtinctas! Mas viſto falar nellas tantas vezes, tambem me dará licença para eu fazer o meſmo, e viſto naõ nos fazer a graça de reſponder, ao menos tenha a bondade de ouvir.

Huma couza a que chamaõ *Alma racional*, e he eſpiritual, ſerá diſtincta do corpo, com o qual faz hum compoſto, que ſe chama *Homem*? Affim o diz Santo Athanaſio no ſymbolo da Fé, e aprovado pela Igreja Catholica: *Sicut anima rationalis, & caro unus eſt homo*. Como ella he ſuſtancia, e naõ materia, poderemos chamalla *Fórma*? O Concilio Lateranense na Seſſ. 8. dalhe eſte nome. Ora pela bondade de Deos já temos tantos milhares de fórmas eſpirituas, quantos ſão, foraõ, e haõ de ſer os homens; e tudo iſto ſem perda, ou prejuizo. Vamos ás fórmas ſubſtancias materiaes. Os peixes (e daqui ſe argumenta para os outros animaes) teraõ alma, que he o meſmo, que fórma material, que os faz ter vida? Se nega, lá ſe avenha com S. Joaõ no ſeu Apoc. cap. 8. no qual diz: *Facta eſt tertia pars maris ſanguis, & mortua eſt tertia pars creatura eorum, qua habebant animas in mari*.

Paſſemos ás formas accidentaes. A graça ſantificante he inherente a alma do juſto, como diz o Tridentino, que he bom Author; com ella ſe infundem os habitos ſobrenaturaes das virtudes, o que tambem diz o Concillio Moguntino. Alem diſto, Deos nos dá auxilios da ſua graça para obrarmos bem: temos actos de entendimento, com que julgamos, e

da vontade com que amamos, ou aborrecemos; temos noſſos actos de ſantalia, e outros de dor, tristeza, alegria &c. Eſtas couzas ſão diſtinctas da alma, e naõ ſão ſubſtancia: pois que ſão? Os que vamos direitos com os dogmas da Fé, chamamos-lhes fórmas accidentaes, V. m. bautize tu-do com o nome, que quizer, mas ſe naõ admite na realidade o meſmo, que nós, naõ vay muito direito com a Fé, e entaõ direy eu, que todo o prejuizo eſtá em naõ as admittir diſtinctas.

Finalmente reparo neſta Carta, o muito que ſe a gaſta contra os actos primeiros proximos, e remotos, porque ſão arengas, que confundem o juizo. Por curiosidade quizera ſaber, ſe confundem o ſeu, ou naõ? Se lho confundem, naõ entende o que elles ſignificaõ, e ſendo aſſim naõ deve cenſurar o que naõ entende; porém ſe entende; para que diz, que confundem o juizo, por quanto ſe naõ confundem o ſeu, *a fortiori* naõ confundiraõ os dos mais. E na verdade cauſa admiração, que chame arengas, e confuſoens a eſtes termos *proximo*, *remoto* ſendo couza que ainda os ruiticos alcançaõ, porque ſabem qual he o campo proximo, ou remoto do ſeu; hum negro de Angola ſabe, ſe o outro he ſeu parente proximo, ou remoto. Os banqueiros tambem ſabem eſtes terminos para procurarem as diſpenſas; os Parocos para darem a Unção ao enfermo ſabem, que lha devem dar, quando eſtá em perigo proximo de morte, e naõ remoto; os Confelſores devem ſaber para abſolverem a hum penitente, ſe a occaſião do ſeu peccado he proxima, ou remota, e aſſim ſe podem amontoar exemplos em grande numero. Que arengas logo ſão eſtas, e para que hemeter medo á gente, como ſe eſtes actos foſſem fantafimas do outro mundo? Naõ he bem claro dizer, que quando a huma potencia nada lhe falta para obrar, eſtá em acto primeiro proximo; e quando ainda lhe falta algum requiſito eſtá em acto primeiro remoto. Applique iſto com o ſeu agudo engenho a qualquer cauſa, e ſaberá quando eſtá em acto proximo, ou remoto. O mais que ſe lê neſta Carta, nem prova contra os eſtudos da Metaſifica, nem impugna os principios Ariſtotelicos. Só confeſſo, que neſtas materias ha muita queſtão impertinente; e quem as naõ quizer eſtudar, pode fazello em boa conſciencia.

REFLEXAM X.

Fyſica.

Empenha-ſe neſta ſua Critica a provar, que em Portugal ſe naõ ſabe tratar Fyſica; e todas as provas ſe fundaõ em louvores da Experimental: dado porem que eſta ſeja melhor, por iſſo ſe ha de deſterrar a outra? Fiquem ambas, e cada hum eſtude a que quizer. Porque a perdiz he melhor que a vaca, e o ſalmaõ excede a ſardinha, haõ de prohibirte no Rei-

no as sardinhas, e a vaca? Não ha duvida que a Fyfica experimental he boa, engenhosa, e nella se usa de bellas machinas artificiaes, e con ellas se tem obervado muita cousa, que os antigos ignoraraõ, e a experiencia o ensinou. Santo Agostinho com a opiniaõ ordinaria daquelle tempo julgava não haver antipodas, e com a frequencia da navegaçaõ se soube o contrario. Cuidaraõ muitos, que a Zona torrida era inhabitavel, e vem os Portuguezes com seus olhos os innumeraveis povos, que na America, e Africa habitaõ debaixo della. Porem daqui nada se infere contra a Fyfica especulativa; e o que mais he, que todos os instrumentos da mechanica não desfazem o Sistema de Aristoteles, nem até aqui se pode provar.

Não ha duvida que alguns Peripateticos mais antigos foraõ demasiados em admittirem innumeraveis fórmas distinctas, como são relaçoens, ubicaçoens, sítos duraçoens, e ainda acçoens, e unioens, que muitos Aristotelicos negaõ; e nem por isso desamparaõ ao seu Filozofa, e se o fizerem em alguma cousa, nem por isso ficarão excommungados. Os mesmos Thomistas, que seguem ao Doutor Angelico, e os Escotistas, que defendem ao Sutil, levaõ em seus livros opinioens oppostas, e huns, e outros as querem authorizar com textos dos Mestres, que seguem; eles bem conhecem que ou huns, ou outros vão contra os mesmos Mestres Angelico, ou Sutil, porque elles não ensinaraõ couzas contradictorias na mesma questãõ; dizendo sim, e não; isso porem não he bastante para se dizer, que largaõ a sua escola.

Não se contenta com isso o Critico mór, quer que se não falle em Fyfica especulativa; mas não somos obrigados a lhe fazer a vontade como a doente; se a não quer estudar, *bonis avisibus*, sem isto se pode salvar; deixe-nos cá com o nosso trabalho. Se toda a nossa culpa consiste em admittirmos fórmas distinctas, deixe o caso sobre a nossa consciencia, mas não diga com tanto arrojo, que se S. Thomaz admittio fórmas não disse bem; porque o Santo não só era sabio, mas bom catholico, e como tal não podia negar as que vão apontadas na Reflexãõ passada.

Nesta carta algumas couzas lhe daõ cuidado, e huma dellas he a condemnaçaõ da segunda proposiçaõ de Wiclef, a qual pertende identificar com a primeira. Diz a proposiçaõ segunda: *Accidentia panis non manent sine subjecto in eodem Sacramento*; acode dizendo, que o intento do Concilio foy definir, que na Hostia consagrada não ficava a substancia do pão. Contudo isso a primeira proposiçaõ do hereje dizia, que no Sacramento ficava a substancia do pão, o que podia ser na sua errada opiniaõ, se ella ali ficasse sem accidentes alguns, e com tudo isso dizia mal, e se condenou, ainda que fosse no tal sentido. Na segunda proposiçaõ he que diz claramente, que no Sacramento ficão accidentes juntos com a substancia do pão, e por isso tambem se condenou; daqui se colhe que nestas duas proposiçoens, se encerraõ dous erros distinctos, hum erro em admittir a sub-

O certo he, que alguns Medicos não seguem a Galeno, nem por isso os vemos fazer milagres, e não deixaõ de lhe morrer doentes, que pertendem curar. Fóra de Portugal, e em Cortes donde há Medicos afamados, se são Galenicos, he final de ser a sua doutrina ainda hoje seguida: se o não são, nem por isso vemos, que lá morra menos gente, antes lemos nas gazetas, que tal Rey, Principe, ou Princeza, ou Senhora grande foy acommettida desta, ou daquella doença, e depois de dizer que está afflittida pelo celebre Doutor Fulano, e Sicrano, vem a noticia de que morrera. Pois se o seu methodo he o verdadeiro, e o Galenico errado, porque razaõ cá, e la más fadas ha, e morrem huns, livrando outros? e quantas noticias se conservaõ entre nós de Medicos antigos, que tivemos, e fizeraõ curas prodigiosas, sem que nesse tempo se soubessem estas curas à moda, como as quer o Critico? O que sey he, que ao nosso Reino chegaõ alguns Medicos de fóra, e se curaõ sem conhecer o clima do paiz, mataõ muita gente; e depois de o conhecerem, se começaõ a curar com o os nossos, erraõ menos. Certo Medico Portuguez sabindo fóra do Reino, disse que deixava nelle enterrado a Galeno; quiz lá fóra seguir outro rumo, matou a muitos, como elle confessou, e para enterrar, menos, desenterrou outra vez a Galeno.

Qual porém será a culpa de Galeno para ser desterrado? Por ventura manda sangrar, purgar, dar vomitorios, e cordiaes fóra de tempo, e em doenças que não pedem, ou a tempo, e occasiãõ opportuna? Se fóra de tempo, e lugar, nunca os Galenicos acertariaõ, e nós vemos lo contrario; se a tempo, e occasiãõ propria, porque se não ha de seguir? E se mostrar a experiencia, que em alguma couza errou, não se siga; mas isso não he razaõ para se não louvar a hum Author, que sem ter as experiencias, que depois d'elle tem crecido tanto, com tudo isso ainda os seus axiomas são venerados pelos doutos na faculdade. Poderá tambem ser culpa de Galeno seguir o sistema filosofico de Aristoteles, Plataõ, ou qualquer outro; mas nada disso prova contra elle. Se mostra a experiencia, que manda sangrar, ou purgar a tempo, e com isso alivia o doente, que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daquella casta?

Para melhor me explicar ponho este exemplo da quina, a qual he bom remedio para as fezoens, como mostra a experiencia. Dirá hum filosofo, que ella se compoem de materia prima, fórma substancial, a qual na arvore era de vivente vegetativo; e que depois de secca tem outra diversa; que tem accidentes distinctos, como quantidade, cor, amargo, pezo, e calor. Venha outro, e clame que tal não há, e diga com Leusippo, que a sua materia são huns certos atomos, ou tambem particulas eterogeneas. Grite Empedocles, ou alguem por elle, que se compoem de corpusculos, ou atomos elementares, e depois de ouvirmos a Carthesio, e a quantos se quizerem admittir, perguntara eu a todos: Componha-se a quina; como

V. m. quizerem, serve ella para curar as fezoens? Devem dizer, que serve: pois applique-se ao doente para o farar, e inframos, que assim como effes systemas não dão, nem tirão a virtude á quina, assim são impertinentes para a cura das fezoens: e o que digo deste medicamento, se pode dizer de qualquer outro.

A mesma razão acharemos discorrendo pela cura dos animaes. Os alveitares curão hum cavallo de huma terçaõ, ou dor de barriga, polmoeira &c. porém nenhum delles se mete, em que o cavallo seja machina insensível, tenha, ou não tenha fórma, e accidentes distinctos; applica o seu remedio, e da mesma sorte o curaria neste, ou naquelle systema de philosophia, e para a cura não serve essa indagação. O mesmo argumento milita na cura dos homens. Diga o Medico, que não he boa a definição *animal racional* como diz o Critico mór; teime que a alma não assiste em todo o corpo, mas em huma pequena parte da cabeça; que a dor, que diz o doente estar no lado esquerdo, não se fórma ahí, mas lá na cabeça, ou gabinete da alma; que a cor palida, que tem, não he distincta da substancia; ou diga, que o corpo daquelle homem se compoem dos cinco elementos chymicos. Sim, Sim senhor, dirá o doente, mas perguntará, se o háo da curar com os remedios, que tem mostrado a experiencia serão bons para a cura do pleuriz? Dira o Medico (para dizer bem) que sim. Pois effes systemas tanto servem para a cura do pleuriz, como serve a lingua dos pretos para entender Latin.

R E F L E X A M XIII.

Direito Civil, e Canonico.

Sendo o estudo de Direito hum dos que mais florecem em Portugal, e assim reconhecido pelas mais naçoens, onde sempre tiverão estimação os livros, e postillas, que cá se compozerão: tendo os tribunaes do Reino Ministros, e Advogados doutísimos; vendo-se a Universidade de Coimbra cheia de professores de hum, e outro Direito com grande, e merecido applauso, e com o mesmo muitos, que deixaraõ a mesma Universidade pela Corte, onde são venerados os seus talentos, e grande erudição, começa este Critico a sua satyra com extraordinaria ousadia, e injuria de toda a nação a dizer, que em Portugal se não sabe Direito, nem há Advogados, e Ministros que saibaõ por onde elle corre. Mas se em todas as suas Cartas manifesta a sua vaidade, e mal fundada presumpção, nesta, e na seguinte parece mentecapto. Vi há tempos hum moço, que andava na Capella, como entãõ se chamava, perguntando aos tendeiros se querião aceitallo por seu caixeiro? Perguntavaõ-lhe se sabia escrever; e respondia com toda a fizeudeza, que sim: davaõ-lhe logo papel para mostrar a sua le-

tra, e com todo o desembaraço tomava a penha, e fazia varias riscas para baixo, e para cima; parava a experiencia em rizadas, e virem a entender, que o pobre moço era doudo. Eu porém não me ria, mas compadecia-me delle considerando a desgraça de quem tem perdido a melhor joya do homem. Esta he a causa, porque ainda que me escandalizem as criticas deste fingido Barbadinho, sempre me compadeço delle, considerando que o mesmo achaque me póde sobrevir a mim, e a outros muito melhores do que eu.

As razoens com que pertende provar a sua these, são partos muito proprios do seu talento. Diz não menos, que os nossos Cathedraicos, Juizes, e Advogados acabaõ os annos da Universidade sem saber cousa de substancia contentes com quatro textos de cór, e que sem mais noticia que a de hum par de titulos do Digesto, e Decretaes entraõ huns a Lentes, outros a Juizes, e os mais a Advogados, persuadidos que ja são capazes do seu emprego, e de o exercitarem com grande satisfacção. Esta a substancia da prova, e he tão forte, que será precioso gastar muitas horas de especulação, muito trabalho em revolver os livros, e finalmente consultar o cazo fóra do Reino, visto não haver nelle, quem saiba responder. Mas porque elle não cuide, que eu fallava de veras, que he capaz de tudo, eu me desdigo. Devemos fazer distincção entre os que se matriculaõ para ouvir Direito; huns tem habilidade, e applicação, outros tendo muito bom engenho passaõ os annos da Universidade sem cuidarem em estudos; outros finalmente não são dotados de boa percepção; e o mesmo acontece nas mais Universidades, porque os nossos não são de menos capacidade.

Supposta esta divisaõ, digo que os primeiros acabaõ os seus annos com muito bom aproveitamento, fazendoos seus actos com muito lustre; os segundos ao menos ficaõ com alguma noticia dos Authores, por quem devem estudar, e as materias, que devem saber em primeiro lugar; e querendo recuperar o tempo que perderão, se applicaõ com cuidado ao estudo da sua faculdade; e a mesma diligencia fazem os primeiros, que nomeey. Fallando pois destes (que dos terceiros não fazamos menção) he sem duvida, que acabando os annos da Universidade, tenhaõ, ou não tenhaõ estudado, não estaõ logo consumados Juristas, porque o Direito he largo; mas com a applicação aos livros, e depois com o muito exercicio huns de advogar, outros de julgar as causas, e ponderando as razoens, que se allegaõ, e estudando o que devem decidir; e outros finalmente preparando-se nos Collegios da Universidade para a opposição das cadeiras, se vem a fazer todos com a continuacção dos estudos huns grandes Juristas. Assim o vemos na Universidade com Lentes doutísimos, posto que não estejaõ adiantados na praxe forense, que facilmente a sabem, se entraõ nos tribunaes. O mesmo se conhece nos que para outras occupaçoens a largaraõ; e tambem nos que estaõ providos nos tribunaes de mayor graduacção, e en-

tros que actualmente servem nas judicaturas do Reino, e suas Conquistas. Dos Advogados se deve dizer o mesmo; porque a applicação a tanta variedade de causas, e em tão diversas materias os faz eminentes na sua faculdade, e muitos o tem mostrado nos doutissimos livros, que deraõ a prelõ, e nos seus eruditos arrazoados manuseritos, que cada dia estaõ compondo.

He pois grande frioleira dizer o Critico, que em hum Jurista sabendo quatro textos, ou hum par de titulos, já cuida que está grande letrado, porque com pouco cabedal ninguem se deve imaginar rico, salvo se nelle sobrepuzar a vaidade, e presumpção; nem tambem nos persuadimos que baltem os actos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz-se, como diz o nosso adagio, e o Direito Canonico, e muito mais o Civil são vastissimos; e para explicar a sua vastidão dizia hum grande Mestre na Univeridade de Coimbra, que o Direito era tão comprido, como a estrada daquella Cidade até Lisboa, e que elle apenas teria andado a primeira legua. Isto dizia, quem era venerado por suas grandes letras, e sabia a difficuldade, que ha em comprehender tantas materias. Tal vez não dirá isto o Critico, e outros como elle, que em lendo dous livrinhos com quatro noticias geraes postas em Francez, que são muito boas para dar alguma instrucção, já fallaõ em Direito com grande confiança, persuadidos, que tem esgotado o Codigo, Digesto, Novelas, Decretaes, Sexto, Clementinas, e Extravagantes; e nem com pão quente haverá quem os tire desta sua errada imaginação; mas o certo he, como confessão os Medicos, que os flatos não tem cura.

Aqui não sey porque estrada, ou travessa se mete Sua mercê a dar documentos sobre as qualidades, que devem ter os Conselheiros ultramarinos, e isto sem mostrar procuração bastante para o seu requerimento; o qual consiste em dizer, que naquella Tribunal só se devem admittir pessoas, que tenhaõ visto mundo; porque se não sabem o que vay lá por fóra, não saberão votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fóra do Reino; como tambem não póde tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem não tem andado por ellas. Esta a substancia, e em confirmação conta hum historia das razoens, que Soerates deu a Glauco para lhe provar, que não tinha bastante noticia para servir o em prego, a que aspirava. Bem faz em nos insinuar a grande capacidade, que tem para semelhantes em pregos; porém melhor fóra, que assim o dissessem os vizinhos, que he louvor de S. Antonio: *Dicant Paduani.*

Posto o seu axioma, estaõ de grande partido para o Conselho do Ultramar os Capitaens de navios, e Pilotos, que tenhaõ navegado muito; para o da Fazenda Contratadores, que como sabem augmentar a sua, bem podem administrar a alheya; para o Paço da madeira Carpinteiros; para a Casa das carnes Marchantes; para a da fruta os maridos das Colarejas; pa-
ra

ra a Mesa da Conciencia Metres de cazos; e para a Junta dos Tres Estados, os que se ordenarão depois de viubar, por terem tido os estados de solteiros, cazados, e ordens sacras. A verdade he, que para as resoluções do Conselho do Ultramar bastaõ as noticias que temos daquellas partes, os informes dos Governadores, e Ministros dellas, com a praxe do que se tem ordenado em casos semelhantes, e sobre tudo a prudencia, e capacidade do Conselheiro; aliás será necessario, que tenha corrido todas as quatro partes do mundo; porque em todas tem a Coroa dominio. O mesmo bastará para o Conselho de estado, e mais Tribunaes.

Sem hum homem sair do Reino, só com ler algum livro, que trate das outras Potencias, e com as noticias, que facilmente se alcançaõ, se póde saber, que o Turco, Perfa, e Russia são Potencias muito grandes; que qualquer dellas póde sustentar guerra contra a outra sem ajuda dos vizinhos; que o Imperio, e França podem formar grandes exercitos; que Inglaterra he grande Potencia maritima; Hollanda com ser pequeno paiz he rica, e respeitada; Suecia he grande Reino; Dinamarca não he para desprezar, Castella he Monarchia dilatada, mais rica, que povoada, &c. Esta noticia, e as mais, que eu não tenho, unidas a huma boa capacidade, podem constituir hum bom Ministro para o Conselho, ou para huma Embaixada, sem para isso ser necessario, que primeiro vá tomar conta dos milhoens, que França tem de renda, nem que as peça ao Parlamento de Inglaterra, ou ás Assembleas dos Estados Geraes. E se lá he não quizerem dar taes contas, como he factivel, há de voltar para o Reino dizendo, que não traz bastantes instruções para ser Ministro naquella Corte? Não façamos o caso tão difficultozo.

Antes que me esqueça, he bem fazer menção de hum sentença, que allega proferira hum douto, o qual disse, que depois que os Commentadores explicaraõ a S. Thomaz, ninguem o entendo. He valente dizer! Sem duvida o doutor era de Tibi quoque. He possivel que se o Commentador he mão, e escuro, teve poder sympatico para pegar a mesma escuridão ás obras do Santo, sendo antes claras! Eu que não sey, que ha taes commentos no mundo, vou ler hum questão no Santo, e não entendo o que elle diz, por culpa de hum Commento, que nunca vi! Parece cousa de encantamento. E o Senhor Critico sendo tão grande logico, como temos visto, ficou persuadido que dizia bem aquelle douto? Se se não persuadio a isso, escutadissimo foy dizello; e se assim se persuade, digo de veras, que he bom homem.

Eu indo cá pela Logica velha, argumento assim. Aquelles Commentadores explicaõ, ou não explicaõ a S. Thomaz? Se o não explicaõ, não são Commentadores; e nessa supposição, *tollitur questio.* Se o explicaõ he implicancia nos termos, que embarcem, e façaõ escuro o que na realidade explicaõ; porque explicar não he embarçar, antes pelo contrario he desem-

de embarçar. He o que em outra materia disse hum Poeta fallando dos zelos, que eraõ *una imaginacion preñada, si son zelos, no son nada, si son algo, non son zelos*. Se explicã os Commentadores, naõ embarçaõ a intelligencia; se a embarçaõ, naõ explicã. Tambem aqui se queixa, que vio muitos Authores, e que naõ prestavaõ. E quem lho disse, quando tal vez o achaque estaria da parte do que lia? Mas se era culpa dos livros, taes seriaõ elles, que falle muita verdade, que tambem amim me aconteceo o mesmo com estas suas Cartas, e tive paciencia, considerando que neste mundo ha bom, e máo. Se differ o mesmo remoque contra estas Reflexoens, eu naõ lho posso impedir, diga o que quizer.

Nesta materia de Direito quiz tomar o trabalho de repetir hum largo catalago de Authores na materia, approvando huns, e reprovando outros, como lhe pareceo, e cuida que com isso nos poz de ré. Se eu quizer fazer o mesmo, mandava vir o Catalago da Livraria de Coimbra, e junto com o de outras, que aqui há, o afogava com livros, e lhe daria cento por hum. Tambem faz outra digressã muito comprida, do estylo, que há em Roma para Advogados, Solicitadores, e Juizes, o methodo, com que trabalhaõ, e vaõ subindo. Passe tudo; mas que tiramos dahi? Nada mais, que ficar presumindo, que já foy a Roma. Lá estudaõ as Decisõens da Rota, que assim lhe serve, e cá os Arestos: Lá tambem se revogaõ em hum tribunal as sentenças do outro; na mesma Rota hoje se decide huma cousa, e daqui a tempos outra, porque *tot capita tot sententia*; mas nada disto prova, que naõ tenhamos cá bom juristas, *quod erat demonstrandum*.

O modo, que aponta para se aprender Direito Civil, e Canonico, pode guardallo para quando fizer novos Estatutos da Universidade: em tanto lá sabem o que devem seguir, e do modo que se uza, tem sahido sujeitos de grandes esfêras. Muito menos he necessario intimar aos Juristas a necessidade de aprenderem a lingua Grega, e historia Romana, e Ecclesiastica. O Direito Civil todo está em Latim muito puro, e os Authores o explicã muito bem, e he o que sobeja para se entenderem os textos, ou alguns sejaõ na realidade antinomicos, como Sua merce define, ou o naõ sejaõ, como querem os que se empenhaõ em os concordar, que he queixa, em que vay pouco. Boa curiosidade he estudar as linguas, e historias, mas he impertinencia, que sendo o Direito taõ vasto, lhe queira por mais esses dous contrapezos taõ grandes, sem serem precisos para o intento. E se quer ver se tenho razaõ, suponha que hum ocioso vertia este seu quasi meyo baralho de Cartas em bom Francez; seria necessario que para se entenderem as muitas Leys, a que podemos intitular Novelas, que nellas promulga, aprendesse Portuguez qualquer Francez, que as quizesse estudar! Applique a paridade ao nosso cazo.

O mesmo digo do estudo da historia. A Ley promulgada, e accei-

ta obriga ao subdito em quanto se naõ abroga; e para obrigar tem mais força que seja de Justiniano, ou de Adriano! O ponto está em saber o que ella manda, e que está em seu vigor, para o que já se entende que foy ordenada por quem tinha authoridade legitima; porém que o Legisador fosse Pedro, ou Sancho; que se promulgasse neste, ou naquelle anno, nada faz ao cazo, como tudo o que diz nesta grande Carta. Perdoe-me a confianca.

Quanto ao que em Carta separada diz dos Canonistas, asseverando com a sua costumada urbanidade que este Direito se naõ sabe em Portugal, merece tanta fé, como em tudo o mais. Os fundamentos para provar o seu assumpto naõ apparecem, e assim naõ merecem nova Reflexãõ, e esta basta. Porém de passagem lhe encomendara, que se naõ cansasse muito em nos querer persuadir, que o Author do Decreto nem era sabio, nem deixa de ter muitos erros. Como sabemos, que elle naõ tem mais authoridade, que a que lograõ os Authores, de quem tirou as sentenças, diga o que quizer, e deenfade-se com elle como muito lhe parecer; mas saiba, que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano, e que ficou coherente com os originaes de quem foy compilado.

Torna a encomendar aos Canonistas, que aprendaõ Grego, e historia sagrada, e profana. He boa teima! Elles dirãõ, que naõ querem, e que sendo a Ley revestida das circumstancias necessarias para obrigar, nada faz ao cazo, que seja mais deste, que daquelle Papa. Dirãõ que os Canones estáõ em bom Latim, e que para se entenderem he escuzado o Grego. Hum exemplo aclara muito. Houve na China hum grande Filosofo, por nome Confúcio, que seguia a Ley natural, e foy o seu primeiro Legisador grandemente venerado hoje naquelle vasto Imperio; andaõ as suas obras vertidas em bello Latim. Digame agora, se para eu entender as sentenças deste homem, tenho necessidade de aprender a lingua dos Chinas; porque conforme o seu conselho me determinarey ao que devo fazer. O methodo, que dá para se aprenderem os Canones, lá o guarde para os seus ouvintes, que os da nossa Universidade dizem, que o naõ querem seguir.

Naõ passe porém em silencio, hum cazo estranho, que succedeo ao nosso Critico. Em huma das suas conversaçõens mais eruditas, que as noites Atticas de Aulo Gelio, disse a certa pessão, que a materia de Sacramentos era de Direito Canonico, e que o ouvinte naõ teve vergonha de dizer, que naõ era, mas que pertencia aos Moralistas. E naõ diz mais o cazo, que na verdade fará chorar as pedras. Mas se eu tivesse a fortuna de estar presente, e dissesse, que a materia de *Sacraments*, que vem nos Canones era de Gramatica, tal vez diria, que naõ, e eu teimaria, que tambem lá pertencia, porque me naõ mostraria nella palavra, de que naõ tratasem os Gramaticos; acodiria porém em sua defeza dizendo, que naõ

he este o sentido, em que se falla, e na verdade diria muito bem. Vamos agora ao ponto. Não há duvida, que no Direito Canonico, principalmente no liv. 4. vem alguma cousa dos Sacramentos; mas tudo o que lá anda comparado com o que trazem os Moralistas, he tão pouco, que no sentido ordinario tomada por inteiro a materia de *Sacramentis in genere*, & *in specie*, com muita razão se diz pertencer aos Moralistas; e bem se vê nas largas materias, e questões, que só a do Matrimonio faz hum grande volume: e se ninguém loubesse mais, que os puros textos de Sacramentos, que trazem os Canones, em muita cousa se acharia novo, e pouco saberia destas materias. Talvez neste sentido responderia o ouvinte; e quando errasse, não he bem censurallo com as palavras, *não teve vergonha*, que este estylo he mais para rusticos, que para cortezaõs.

REFLEXAM XIV.

Da Theologia.

Desculpa-se o Critico mór com o seu correspondente, por ter tratado com esta resposta; e se ainda continuasse na mesma demora, escuzaria o inutil trabalho, que tomou em a escrever. O que se deve sentir he o dizer, que a não fizera mais cedo, porque padecera humas vertigens; eu o creyo, e nesta mesma Carta ainda não estava livre do achaque. Só pode servir de consolação a esperança de que sarará desta queixa, por ter acabado o trabalho desta sua grande Obra ajudado da especial noticia, que tem da Medicina, especialmente daquella celebre remedio do oleo de nabos, de que fiz menção na Reflexão duodecima.

Com grande fogo entra nesta Critica a desfazer na Theologia especulativa, como cousa, que não he de proveito, e que começou há pouco tempo; e que vendo o mundo as heresias, que se levantavaõ, e que para as confutar era preciso recorrer aos dogmas da Religião, então abriu os olhos, do tempo do Tridentino para cá, o qual diz elle, que acabou no anno de 1650. e eu que erra, porque foy no anno de 1563. Abrindo pois o mundo os olhos, começou a deixar a Theologia especulativa, e a applicar-se, como antigamente fizeraõ os Santos Padres, á dogmatica, a qual diz que ignoraõ os Portuguezes; e dá logo por regra geral, que na Theologia se não introduza a razão natural, senão em quanto for admittida para explicar o dogma, e menos disso não tenha tal confiança. Para estabelecer esta machina nos amosina a paciencia em contar huma historia lá do principio do mundo, e acabada ella, diz tres cousas notaveis: primeira, que os Santos Padres desviaraõ Aristoteles da Filosofia: segunda, que Belarmino não solta bem os argumentos, que propoem nas suas Centroversias

fias por parte dos Hereses: terceira, que os Judeos tem sortes argumentos para protegerem o erro, em que vivem, e que para esoltar he preciso que os Theologos suem pelo topete. Isto he o que em compendio pude tirar da Carta, ou Censura; em que se occupou tão grande talento.

Começando pela divisão da Theologia em Especulativa, e Dogmatica deve saber, que a Especulativa he mixta, e tem muita parte de Dogmatica; e daqui vem, que raro he o erro contra a Fê, que o não conheça quem for veriado na Especulativa. Ella declara, o que a fé nos ensina na materia dos Sacramentos, suas materias, e formas contra os hereses antigos, e modernos. O mesmo se ve na materia da Triunidade, e Incarnação, em que se acha o que nesta parte erraraõ os Arrianos, Nestorianos, e outros. Na materia da Graça auxiliante enfina ser necessaria para qualquer obra meritoria contra os Pelagianos, e Semipelagianos; como tambem estabelece os principios da liberdade, em que se descobrem os erros de Jansenio, Bayo, Quelnel, e outros seus adherentes; o que tudo se corrobora, com o que se ensina na materia de Graça tantificante, e merito. Explica a natureza dos Anjos, declarando o seu ser intellectual, e espiritual, e que nem são, nem podem ser corporeos, como muitos imaginaraõ. Na materia de *Fide*, *Deo uno*, & *Attributis*, se descobre o engano dos Gentios em admitir muitos Deozes: nos actos humanos se dá huma larga instrucção para se conhecer quaes são bons, e maos, e quaes se podem viciar pelo seu motivo, e como se multiplica a sua malicia, ou bondade, o que tudo mostra como se deve discorrer com acerto contra os que se perluadiaõ haver peccados inevitaveis: na materia de *Beatitude* se refutaõ os que cuidavaõ haver neste mundo verdadeira bemaventurança; quando ainda no constitutivo da natural não atinaraõ os Philosophos; e assim discorrendo pelas materias especulativas, se alcança serem muito graves, e dignas de se saberem as suas questões.

Succederá a quem não tem estudado esta faculdade não saber dar a razão de inumeraveis perguntas, que lhe podem fazer em cousas pertencentes á nossa Religião. Sirvaõ de exemplo estas: Se o Verbo divino he Filho, porque o não he o Espirito Santo; sendo que a ambas estas divinas Pessoas se communicam a mesma natureza; e porque sendo todas iguais, o Pay mandou ao Filho: o mando: *Misit Deus Filium suum*; e mandou ao Espirito Santo em nome do Filho: *Quem mittet Pater in nomine meo*: e como se entende estar o Pay no Filho, e o Filho no Pay, sendo Pessoas realmente distinctas: *Pater in me est*, & *ego in Patre*. Que querem dizer aquellas palavras: *Spiritus ubi vult spirat*: e estas: *Quaeritis me*, & *in peccato vestro moriemini*, sendo que Deos quer que todos os peccadores se salvem: *Nolo mortem peccatoris, sed ut magis convertatur*, & *vivat*. Que quiz significar S. Pedro quando disse: *Ut efficiamini conjortes divina natura*. Se a vontade de Deos he omnipotente, como pec-

caõ os homens, não obstante que Deos quer que não pequem. Se Christo he impeccavel, e teve preceito do Eterno Pay para morrer pelos homens, como morreo livremente porque quiz: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Se Deos he acto purissimo, e conhece, e quer por actos indistinctos, e que são o mesmo Deos, como pôde ter actos de vontade livres, e de sciencia contingentes; isto he, que assim como quiz que nascesse Pedro, podia querer, que não nascesse; e assim como sabe que Pedro morreo hontem, podia saber, que não morrera, se lhe dilataffe a vida para hoje, e isto tudo concordado com a immutabilidade divina: *Ego Dominus, & non mutor.* Pois a estas, e a muitas mais poderãõ dar alguma resposta os que estudaõ Theologia especulativa, e nenhuma darãõ os que a ignoraõ.

Louva-se a Filosofia experimental pelo trabalho com que pretende alcançar alguns segredos naturaes, e ha de condenar-se, que os Theologos pertendaõ entender cousas mais graves, e responder a perguntas muito mais sublimes? He boa occupaçaõ especular a virtude do magnete, os lugares em que não aponta bem para o Norte, e inventar instrumentos para saber quantos grãos declina; subir, e descer montes para averiguar sepeza o ar; entender a causa porque a agua sobe na bomba; correr o mundo para ver se o globo terraqueo he esferico, ou ovado, e semelhaates curiosidades; e porque não ha de ser occupaçaõ digna de hum bom discursõ especular questõens, que se vem para melhor intelligencia das que pertencem á nossa Fé? He boa cegueira, querer que se fizerem a hum Theologo as sobreditas perguntas, haja de dar a resposta, que daria hum rustico, que só trata de lavrar o seu campo!

De tudo o que fica dito se vê o erro, em que tropeça o Senhor Critico, querendo dizernos, que a Theologia especulativa he moderna, sendo taõ antiga a dogmatica pura. Chamo-lhe dogmatica pura, porque esta só tem por objecto defender os dogmas, soltando os argumentos, de que se valem os hereges, distinguindo os Concilios legitimos dos que não são, explicando o sentido em que fallaraõ as Escrituras: a esta pertence dar razãõ das tradiçoens Apostolicas recebidas como taes pela Igreja, e uzando das definiçoens Pontificas; porque em todas estas cousas se achãõ as armas, com que nos defendemos dos herejes, e mostramos os erros, que inventaraõ contra a Fé; e pare esta Theologia he que serve a historia Ecclesiastica, que a Civil de pouco lhe serve. Para este estudo não faltaõ Authores, que trataõ perfeitamente Controversias, imitando os Santos Padres antigos, ainda que estes não trazem todos os erros confutados, mas os que tomaraõ por assumto particular, como Santo Agostinho contra Pelagianos, e Semipelagianos, S. Jeronimo contra Vigilancio, S. Ildefonso contra Helvidio, os Santos Irmaõs Leandro, e Isidoro contra os Arianos, que occuparaõ Hespanha. Dos controversistas modernos Becano, e

o Pa-

o Padre Fontana contra Quinel, e por final que se não vale pouco da Theologia especulativa; e sobre tudo o doutissimo Cardeal Bellarmino.

Nem se deve fazer caso de dizer o Critico, que este Author expoem fortes argumentos, mas que lhe não dá cabal soluçaõ; porque como os herejes se não costumaõ dar por convencidos, diãõ essa patranha em abono dos seus vaõs fundamentos que são os argumentos, que contra si propoem, e solta eruditamente. Tal vez que o Critico leffe o que diz em algum livrinho dos que são feridos de heresia, e sem advertir, usou delle para dizer mal (*ut sius est mos*) de Bellarmino. E se queria provar o seu dito, devia apontar, qual era o argumento, que este Eminentissimo não solta bem; o mais he fallar no ar. O certo he, que o seu livro deu tanto cuidado em Inglaterra, que já era commum perguntar a quem viaõ pensativo, se cuidava alguma cousa contra Bellarmino.

Tornando ao ponto da Theologia especulativa; ella começou no principio da Igreja assim como a dogmatica; esta vay crescendo ao mesmo passo, que se levantaõ novos erros, que confutar; aquella se augmentou, tanto por confirmar com razãõ a sólida doutrina da Igreja, como por tratar com muita curiosidade, e pezo de bom discursõ muitas questõens especulativas. A dogmatica para se defender de qualquer erro velho, ou novo, sempre tem promptas as armas nas definiçoens da Escritura sagrada, da Igreja, e Tradiçaõ Apostolica, das quaes se valem os Santos Padres, e valeraõ os Theologos nos Concilios Florentino, Tridentino, e outros, e os estudiosos modernos de todos estes monumentos tiraraõ, e ajuntaraõ o que poderaõ em hum só corpo dividido em varias. O mesmo fizeraõ os Especulativos separando com grande estudo o que pertence a cada materia, tirando muita parte do que acharaõ disperso nos Santos Padres, e muita no que liaõ nos antigos, e amplificando tudo com metodo escolastico.

He passmo ler a segurança com que este Critico assevera, que ha pouco tempo comecaraõ a apparecer as que chama sutilezas, e galantarias da Escola, como se fossem couzas despreziveis: e muitas vezes repete por exemplo de novidade a questãõ do *Principio quo in Divinis*. Mas he porque não sabe, que esta mesma questãõ em termos se tratou no Concilio Florentino, onde o Theologo Latino defendeo consistir no relativo, e o Grego no absoluto, dizendo: *Principium autem quo est illud, quod communicabile est.* Bem especulativa he a questãõ da Sciencia de Deos á cerca dos futuros contingentes condicionados, da qual falla Santo Agostinho, S. Anselmo, e outros SS. PP. como bem prova Molina *in Concordia*: e quem lê com cuidado os Authores Theologicos a cada passo encontra allegados os SS. PP. Verdade he, que elles não trataraõ as materias *ex professo*, e suppunhaõ muitas couzas, que de passo tocavaõ: os AA. modernos trabalharaõ em ir ajuntando o que acharaõ nelles, e adiantando varias questõens

G ii

toens

toens para darem completa noticia de tudo o que podia pertencer a estas materias.

Entre todos com razao he celebrado S. Thomaz, mostrando, que o Systema Aristotelico se ajusta melhor com os dogmas da Religiao, que nao he pequeno louvor deste Principe dos Filosofos, e fundado o Santo nestes mesmos principios naturaes, escreveo contra Gentes. Antes do Doutor Angelico se viao ja muitas materias Theologicas coordenadas por Philippe Veloboacentè, Thomaz Anglico, Alexandre de Ales, e Mestre das sentenças, ainda que nao com tanta clareza, e digeitaõ como as poz o Santo, e Aleoto, que foraõ dous luzidissimos engenhos, e sempre applaudidos entre os doutos, que os que nao o faõ, tem liberdade para dizerem o que quizerem.

Demos porèm de barato, que a Theologia especulativa começasse ha poucos seculos. Se o mundo abriu os olhos ha menos tempo; como Sua merce diz, para a Filosofia experimental, e para muitas outras cousas de menos entidade, porque os ha de ter tapados, para nao olhar para as especulaçoens da Theologia! He querer hum Santo para si, e outro para os mais.

He bem, que ao menos de passo advirtamos em huma proposiçaõ do Critico. Diz que os Santos Padres desviaraõ a Aristoteles da Filosofia. Supponho ser certa a noticia; mas de que Theologia o mandariaõ desviar? Nao he crível, que o mandassem desviar da dogmatica, porque della andava elle bem longe por Gentes, e nao ter luz alguma da nossa santa Fé; assim como seria cousa de riso, se alguém mandasse desviar os rusticos das resoluçoens demonstrativas dos Mathematicos. Rica logo correndo de plano, que o mandaraõ afastar da especulativa, o que bem concorda com o que diz em outra parte, que hum Author julgara, que S. Thomaz peccou, porque na sua Theologia seguiu Aristoteles. Mas daqui se infere com toda a evidencia, que ja no tempo dos Santos Padres se tratava da Theologia especulativa, porque nao queriaõ que Aristoteles entrasse nella. Tirelhe lá a prova.

Quanto á sua Ley, em que ordena, que na Theologia se nao introduza a razao natural, salvo se for necessaria para explicar os dogmas, nao estamos por ella, por ser feita sem legitima authoridade, e tambem ser contra a mesma razao. Com que justica saõ obrigados os Theologos a trazerem sempre prezo o seu entendimento, para nao discorrerem em cousas, que nao saõ de Fé? Sem duvida que nao he de Fé se o habito da charidade he distincto da graça santificante; se nesta vida mortal teve alguém Santo visao beatifica; se o motivo adequado da Incarnação foy sómente a redempçaõ do peccado, e outras semelhantes. Pois que razao ha, para que o Theologo, supostas as verdades da graça, visao beata, e Incarnação, nao possa discorrer naquellas queiloens? Saõ melhores as ei-

pe-

peculaçoens da bomba, peso do ar, e a sua elasticidade? He melhor estudar por Origenes, como nos encomenda, cheyo de herezias, e ver os Autores hereticos, para tomar delles o methodo? Aqui he, que se pode beber o veneno.

Tambem pertende meter medo aos Theologos, com dizer, que os Judeos allegaõ fortissimos argumentos para protegerem a sua perfidia; e que nao basta saber o texto das hebdomadas de Daniel para os convencer. Até agora ninguém lhe disse, que os Theologos julgavaõ bastar aquelle lugar da Escritura para convencer os Judeos. Todo o Testamento velho declara os passos da vida, e morte do Messias, tao claros, que lo a perfidia muito propria daquella naçaõ os pode negar; nem para isso he necessario recorrer ao Talmud, bastaõ os muitos livros que se escreveraõ doutissimos Theologos, e entre elles nao deve ter lugar inferior o Padre Pinamonte. Mas tambem acresciento, que o texto das hebdomas he irrefragavel para quem quizer advertir, que os mais sabios Rabinos do principio da Igreja todos por ellas lançaraõ as contas á vinda do Messias, e se nao concordaraõ com as dos Christaõs, nenhum delles estendeo a estas hebdomadas até o nosso tempo, e a deraõ muito a traz. Daqui se segue, que se erraraõ aquelles, sendo mais sabios, muito mais se enganaõ os Judeos deste tempo induzidos nos seus tratos, e contratos.

Finalmente depois de estogado (palavra sua) o furor contra os Theologos, talvez por escrupulo, que lhe sobreveyo, ou porque se achou com melhora das vertigens, lá para o fim da sua Critica, se vay desdizendo pouco a pouco, como se mostra da sua pag. 184. & seqq. onde já vay admittindo Escolas Media, e Thomistica &c. e já dá licença que se dictem materias especulativas, o que mu. o lhe agradeceamos. Boa he a restituçaõ, e mais vale tarde, que nunca.

REFLEXAM XV.

Da instrucção para Confessores, e mulheres.

Depois de fazer na ultima Carta hum compendio de todas as passadas, para que as suas celebres idéas nos ficassem mais fixas na memoria, finalmente com toda a charidade dá hum par de conselhos aos Confessores, encommendandolhes muito, que nao estudem Moral por Casuistas, porque estes nao daõ razao do seu dito: supponho, que nunca os leo, e quer que estudem pela sua Ethica; para isso bom he, que a de ao prélo, que tará hum bom gasto. Em quanto porèm se nao imprime, tratem os Moralistas em se instruir bem no Moral, para o que tem bons livros, huns que trataõ magistralmente as materias, outros que compozerãõ excellentes Summas; e nao se deixem enganar destas idéas novas, porq ue se se meterem com ellas, nada saberaõ.

Quar-

Quanto aos axiomas que dá ás mulheres para se governarem bem, não me meto nisso, porque sempre ouvi dizer, que não era prudencia intrometerse a governar casas alheyas; e ellas se querem, bem o farão, porque nunca ouvi, que houvesse tolo para a sua conveniencia; e se ellas não quere[m] acudir ao governo das suas casas, nada valerão os seus conselhos. Diz que tem grande capacidade para comprehenderem as sciencias, porque as suas almas são da mesma especie, que as nossas. E quem pode duvidar da sua grande capacidade, e engenho? O serem da mesma especie, para mim he certo; mas não faltará alguma Filosofia moderna, que lhe dê na cabeça pollo em duvida. Florecerão muitas doutissimas, e basta por todas S. Catharina de Alexandria, e na mystica S. Teresa de Jesus. Ainda digo mais, que tambem são capazes de governar exercitos, como foy em França a Donzella de Orleans, e deu bem que fazer aos Inglezes: poucos annos ha, que andou huma na India militando em trages de homem. A antiguidade muito celebrou as Amazonas guerreiras, e a sua Commandante Penthiilea.

Como porém se devem occupar em bordar, e outras obras manuaes, e sobre tudo em governar suas casas, e na educação de seus filhos, pouco tempo lhes pode ficar livre para estudos, salvo se forem Senhoras da primeira esfera: mas quem se ha de atrever a lhes dar leys? Eu não tenho tanta confiança como o Critico mór, só lhe lembrara, que ensinassem seus filhos a serem devotos dos Santos do seu nome, e os tomassem por seus advogados, e exemplares, pelos quaes regulassem as acçoens da sua vida. A recommendação, que lhe dá de saberem dançar minuets, seja boa, ou má, não decido; porém a razão, que para isso aponta, não presta, que diz ser para não andarem corcovadas. Outras cousas ha, que melhor podem endireitar as costas; mas quizera saber, se as antigas, quando não haviaõ minuets, eraõ corcovadas, porque isso saberá Sua mercê dizer, como tão versado na historia antiga.

Aqui tem Vossa Charidade o que me occoreo sobre as novas Idéas; muito mais podia dizer, se me lembrasse o muito que lá se diz; porém esqueceo-me, porque tenho fraca memoria. Deos guarde a V. Charidade, e o livre de semelhantes Idéas &c.

F I M.

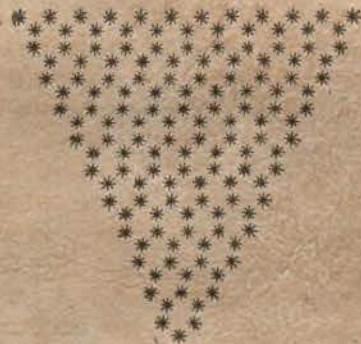
RESPOSTA ⁴

AS REFLEXOENS,

Que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado:

Verdadeiro metodo de estudar.

Escrita por outro Religioso da dita Provincia para desagravo da mesma Religiam, e da Nafam.



V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.